

Márcia Cristina do Carmo

As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista

São José do Rio Preto  
2009

MÁRCIA CRISTINA DO CARMO

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS DOS VERBOS NA FALA  
CULTA DO INTERIOR PAULISTA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística).

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciani Ester Tenani.

São José do Rio Preto  
2009

Carmo, Márcia Cristina do.

As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista / Márcia Cristina do Carmo. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2009.

119 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Luciani Ester Tenani  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Vogais médias pretônicas. 3. Variação (Linguística). I. Tenani, Luciani Ester. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU - 81'34

## **MÁRCIA CRISTINA DO CARMO**

As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos, área de Análise Lingüística junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

### **BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciani Ester Tenani  
Professora Doutora  
UNESP – São José do Rio Preto  
Orientadora

Prof. Dr. Seung-Hwa Lee  
Professor Doutor  
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves  
Professor Doutor  
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 27 de abril de 2009

*Aos meus pais,  
aos meus irmãos  
e ao Luciano,*

*dedico esta dissertação.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre iluminar e guiar meus caminhos;

aos meus pais, Dorcílio e Alice, por todo amor, dedicação e incentivo aos estudos;

aos meus irmãos, Evandro e Cássio, por serem meus grandes exemplos;

ao Luciano, pelo amor, carinho e companheirismo;

à professora Dr<sup>a</sup>. Luciani Ester Tenani, pelos conselhos e ensinamentos não só acadêmicos, como, também, pessoais. Por ser um modelo de profissional;

à FAPESP, pela bolsa concedida durante os dois anos desta pesquisa;

aos professores Drs. Sebastião Carlos Leite Gonçalves e Seung-Hwa Lee, pelas contribuições de suma importância fornecidas durante toda a realização deste trabalho;

aos professores Drs. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi e Roberto Gomes Camacho, pela boa-vontade que sempre tiveram em esclarecer certas dúvidas no percurso desta pesquisa;

aos demais professores dos Departamentos de Estudos Lingüísticos e Literários, de Letras Modernas e de Educação do IBILCE/UNESP, por contribuírem com a minha formação;

aos professores Drs. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer e Luiz Carlos Schwindt, pelas relevantes sugestões dadas em eventos científicos;

à professora Dr<sup>a</sup>. Larissa Cristina Berti, pelos ensinamentos sobre Fonética Acústica;

a Adriana, Aline, Anielle, Anita, Fernando, Jesuelem, Juliana, Lilian, Rafaela, Roberta e William, pela amizade, pelo companheirismo e pela compreensão em meus momentos de ausência;

à Ana Amélia, pelas dicas em momentos importantes da pesquisa;

aos informantes do Projeto ALIP, por gentilmente terem cedido amostras de fala que propiciaram a realização deste e de outros tantos estudos;

e, por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho;

meus sinceros agradecimentos.

“É preciso amor pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir.”

Almir Sater e Renato Teixeira

## RESUMO

O presente trabalho descreve as vogais médias pretônicas dos verbos na região do município de São José do Rio Preto, noroeste do Estado de São Paulo. Algumas dessas vogais sofrem o processo fonológico de *alçamento*, por meio do qual as vogais médias /e/ e /o/ são realizadas, respectivamente, como /i/ e /u/, como em *d[i]s[i]nvolvendo* e *c[u]nheço*. Como *corpus* de pesquisa, são utilizadas dezesseis entrevistas do Banco de Dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP – *Amostra Lingüística do Interior Paulista* (IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6). São analisadas amostras de fala espontânea de informantes do sexo feminino que apresentam: (i) Ensino Superior completo ou em andamento; e (ii) uma das seguintes faixas etárias: de 16 a 25; de 26 a 35; de 36 a 55; e acima de 56 anos. A análise é realizada segundo os princípios da Teoria da Variação e da Mudança Lingüística, com a utilização do pacote estatístico VARBRUL, bem como da Fonologia Autossegmental, representada pelo modelo da Geometria de Traços. Como resultado geral, tem-se que alçam 16% das 2455 ocorrências de vogal pretônica /e/ e 10% das 2147 ocorrências de vogal pretônica /o/. Todas as ocorrências são analisadas em relação a uma variável social e a dez variáveis lingüísticas, utilizando-se o VARBRUL. Dos resultados estatísticos, obteve-se que a variável lingüística *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* é a mais relevante à aplicação do alçamento, tanto para /e/, quanto para /o/. Observa-se que, no *corpus* desta pesquisa, todas as ocorrências de pretônicas alçadas podem ser explicadas: (i) pela *harmonização vocálica*, em que a vogal sofre o alçamento pela influência de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *acr[i]ditar*; e/ou (ii) pela *redução vocálica*, em que a vogal alça pela influência da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo, como em *[ku]nversam*.

**Palavras-chave:** variação lingüística; sociolingüística; fonologia; vogais; alçamento vocálico.



## **ABSTRACT**

*This work describes the pretonic medial vowels of the verbs in the region of the city of São José do Rio Preto, northwest of São Paulo State. In these vowels, the phonological process of vowel raising can be found. Through this process, the medial vowels /e/ and /o/ are pronounced, respectively, as /i/ and /u/, in words like d[i]s[i]nvolvendo and c[u]nheço. The corpus of this research is formed of sixteen interviews of the Banco de Dados IBORUNA, a result of the ALIP Project – Amostra Lingüística do Interior Paulista (IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6). Spontaneous speech samples – of female informants that: (i) had been attending University or that had already finished it; and (ii) belonged to one of the following age-bands: 16 to 25; 26 to 35; 36 to 55; and over 56 years – are analyzed. The analysis is made under the perspective of: (i) the Theory of Linguistic Variation and Change, by using the statistical package VARBRUL; and (ii) the Autosegmental Phonology, represented by the Feature Geometry model. The general result is that 16% of the 2455 occurrences of pretonic vowel /e/ and 10% of the 2147 occurrences of pretonic vowel /o/ are raised. All the occurrences are analyzed in relation to one social variable and to ten linguistic variables, using VARBRUL package. The statistical results evinced that the height of the vowel of the syllable which is contiguous to the syllable of the pretonic vowel is the most relevant variable concerning the application of the vowel raising process, both to /e/ and to /o/. It is observed that, in the corpus of this research, all the occurrences in which the pretonic vowels are raised can be explained by: (i) a process of vowel harmonization, through which the vowel is raised by the influence of a high vowel in the syllable which is adjacent to the syllable of the pretonic vowel, as acr[i]ditar; and/or (ii) vowel reduction, through which the vowel is raised by the influence of one or both adjacent consonant(s), as [ku]nversam.*

**Key-words:** *linguistic variation; sociolinguistics; phonology; vowels; vowel raising.*

## LISTA DE DIAGRAMAS

<b>Diagrama 1.</b> Vogais tônicas no PB .....	19
<b>Diagrama 2.</b> Vogais pretônicas no PB .....	20
<b>Diagrama 3.</b> Organização hierárquica das vogais, segundo a Geometria de Traços .....	26
<b>Diagrama 4.</b> Representação do alçamento vocálico ocorrido em <i>p[i]di</i> , segundo a Teoria Autossegmental e o modelo da Geometria de Traços .....	28
<b>Diagrama 5.</b> Vogais cardinais .....	45
<b>Diagrama 6.</b> Exemplo de representação da sílaba <i>pren</i> .....	49
<b>Diagrama 7.</b> Exemplo de representação da sílaba <i>cons</i> .....	49

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Índices de riqueza, longevidade e escolaridade de São José do Rio Preto .....	37
--	----

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1.</b> São José do Rio Preto e suas cidades circunvizinhas .....	34
<b>Mapa 2.</b> Localização do município de São José do Rio Preto, da região administrativa de que é sede e do Estado de São Paulo.....	35
<b>Mapa 3.</b> Classificação dos municípios paulistas segundo o IPRS.....	36

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Estrutura interna do não-verbo .....	14
<b>Quadro 2.</b> Estrutura interna do verbo .....	15
<b>Quadro 3.</b> Alternância vocálica nas raízes verbais.....	17
<b>Quadro 4.</b> Exemplo de harmonia vocálica e de truncamento.....	18
<b>Quadro 5.</b> Ordenamentos das regras envolvidas na alternância vocálica na raiz verbal, segundo Harris (1974) e Quicoli (1990).....	22
<b>Quadro 6.</b> Especificação das vogais em termos de traços de abertura.....	27
<b>Quadro 7.</b> Variáveis selecionadas pelo programa estatístico .....	62
<b>Quadro 8.</b> Vocábulos que apresentam uma sílaba entre a sílaba da pretônica-alvo e a da vogal alta presente no sufixo /-ria/ .....	76
<b>Quadro 9.</b> Casos de alçamento que podem ser explicados pela influência do ponto de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo .....	89
<b>Quadro 10.</b> As vogais médias pretônicas de nomes e de verbos na fala culta do interior paulista: dados comparativos.....	97

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Tabela geral da aplicação ou não do alçamento .....	60
<b>Tabela 2.</b> Alçamento de /e/ e de /o/ em relação à altura da vogal presente na sílaba seguinte à sílaba da pretônica-alvo .....	66
<b>Tabela 3.</b> Frequências de alçamento de /e/ e de /o/ em relação à tonicidade e à posição ântero-posterior da vogal alta.....	69
<b>Tabela 4.</b> Alçamento de /o/ quanto à distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo .....	71
<b>Tabela 5.</b> Alçamento de /e/ em relação à conjugação do verbo em que a pretônica ocorre ....	73
<b>Tabela 6.</b> Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre.....	74
<b>Tabela 7.</b> Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo .....	78
<b>Tabela 8.</b> Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo .....	80
<b>Tabela 9.</b> Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo .....	83
<b>Tabela 10.</b> Alçamento de /e/: ponto e modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo .....	83
<b>Tabela 11.</b> Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo .....	86
<b>Tabela 12.</b> Alçamento de /e/: ponto e modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo .....	86
<b>Tabela 13.</b> Alçamento de /e/ e de /o/ em relação à estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre .....	92
<b>Tabela 14.</b> Alçamento de /e/ em relação à faixa etária do informante .....	94

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>13</b>
1.1. O verbo e o não-verbo: algumas diferenças.....	14
1.2. O acento das vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista: processos envolvidos .....	23
1.3. A Fonologia Autossegmental e seu tratamento acerca dos processos envolvidos na aplicação do acento.....	24
1.4. A teoria da Variação e da Mudança Lingüísticas.....	29
1.5. Resumo .....	31
<b>CAPÍTULO 2 - CORPUS E METODOLOGIA.....</b>	<b>33</b>
2.1. Comunidade de fala .....	33
2.2. O banco de dados IBORUNA .....	39
2.3. Variáveis.....	41
2.3.1. Variáveis independentes lingüísticas.....	43
2.3.1.1. <i>Altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i> .....	44
2.3.1.2. <i>Tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i> .....	45
2.3.1.3. <i>Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo</i> .....	46
2.3.1.4. <i>Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i> .....	46
2.3.1.5. <i>Ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo</i> .....	47
2.3.1.6. <i>Modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i> .....	47
2.3.1.7. <i>Modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo</i> .....	47
2.3.1.8. <i>Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre</i> .....	48
2.3.1.9. <i>Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre</i> .....	50
2.3.1.10. <i>Tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre</i> .....	51
2.3.2. Variáveis independentes sociais .....	52
2.4. Passos metodológicos .....	54
2.5. Resumo .....	57
<b>CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>59</b>
3.1. Análise variacionista.....	60
3.1.1. A seleção das variáveis pelo VARBRUL.....	61
3.1.2. Variáveis relacionadas à harmonização vocálica .....	66
3.1.3. Variáveis relacionadas à redução vocálica.....	78
3.1.4. Variável relacionada à estrutura silábica.....	91
3.1.5. Variável social: <i>faixa etária</i> .....	94
3.2. Comparação entre as vogais médias pretônicas de verbos e de nomes.....	96
3.3. Resumo.....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>116</b>

# INTRODUÇÃO

---

Neste trabalho, são descritas as vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta, isto é, na fala de informantes que apresentam nível de escolaridade superior,<sup>1</sup> da variedade do interior do Estado de São Paulo, mais especificamente, da região do noroeste paulista, onde se situa o município de São José do Rio Preto. Algumas dessas vogais apresentam o fenômeno fonológico denominado *alçamento vocálico*, por meio do qual as vogais médias /e/ e /o/ são realizadas, respectivamente, como as vogais altas /i/ e /u/, como em *s[i]ntindo* e *p[u]dia*.

Apesar de as ocorrências do alçamento em vogais de diferentes dialetos do Português Brasileiro (PB, doravante) serem descritas há mais de duas décadas, pode ser destacada certa ausência de estudos sobre esse fenômeno que tratam especificamente da classe gramatical dos verbos, como, por exemplo, o de Collischonn e Schwindt (2004), que descrevem as vogais médias pretônicas dos verbos das capitais do sul do Brasil. Considerando os estudos já realizados sobre as pretônicas de diferentes dialetos, verifica-se um maior número de pesquisas sobre os comportamentos dessas vogais nos *nomes*, isto é, em substantivos e adjetivos.

Deve-se ressaltar que as vogais pretônicas dessas duas grandes classes gramaticais não apresentam comportamentos semelhantes em relação à aplicação do alçamento vocálico. Isso pode ser exemplificado pela atuação dos sufixos sobre os comportamentos das pretônicas de verbos e de nomes. Segundo Schwindt (2002), entre as vogais pretônicas das raízes dos verbos e as vogais dos sufixos verbais, há um processo de *harmonização vocálica* – como,

---

<sup>1</sup> A noção de *fala culta* utilizada neste trabalho será tratada no capítulo 2.

por exemplo, em *d[e]ver – d[i]via* e *p[o]der – p[u]dia*. Já entre as vogais das raízes dos nomes e as dos sufixos nominais, o mesmo não ocorre, como pode ser observado nos seguintes exemplos: *burgu[e]s – burgu[e]sia* e *form[o]so – form[o]sura*.

Esta pesquisa de Mestrado objetiva contribuir, principalmente, com o preenchimento dessa lacuna, que diz respeito às vogais pretônicas dos *verbos*. Também objetiva fazer uma descrição inédita de uma variedade falada no interior paulista, inserindo-se no quadro de estudos sobre vogais do PB, por meio de seu vínculo ao Projeto PROBRAVO (FALE/UFMG).<sup>2</sup>

Este trabalho está organizado do seguinte modo: no capítulo 1, encontram-se os subsídios teóricos sobre diferenças morfofonológicas existentes entre o verbo e o não-verbo, os processos envolvidos na aplicação do alçamento vocálico e as teorias *Autossegmental* e *de Variação e Mudança Lingüísticas*. No capítulo 2, são apresentados o *corpus* e os aspectos metodológicos, incluindo a caracterização da comunidade de fala da região de São José do Rio Preto, a descrição do banco de dados utilizado, as justificativas para as variáveis consideradas e os contextos excluídos da análise quantitativa. No terceiro capítulo, são apresentadas a análise dos dados encontrados e uma breve comparação com os resultados acerca das vogais médias pretônicas dos *nomes* na fala culta do interior paulista (SILVEIRA, 2008). No capítulo 4, são apresentadas as considerações finais, seguidas dos anexos e das referências bibliográficas.

---

<sup>2</sup> Projeto sob coordenação do Prof. Dr. Seung-Hwa Lee (FALE/UFMG) e do Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira (PUC/MG), que tem por objetivo realizar uma investigação sócio-histórica e lingüística das realizações fonéticas das vogais em diversos dialetos do Brasil. Mais informações sobre o PROBRAVO podem ser encontradas em <http://www.geocities.com/PROBRAVO/>.

# CAPÍTULO 1

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

---

Neste capítulo, é apresentada a fundamentação teórica que embasa a presente pesquisa. Dessa forma, discorre-se sobre diferenças entre o verbo e o não-verbo, com destaque à especificidade do verbo em apresentar alternância vocálica nas raízes verbais (seção 1.1.). São apresentados os processos que acarretam o alçamento das vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista: a *harmonização* e a *redução vocálicas* (seção 1.2.). Na seção seguinte (1.3.), apresentam-se os princípios gerais da Fonologia Autossegmental e a forma como a teoria lida com esses processos. Em seguida (seção 1.4.), é apresentada a Teoria da Variação e da Mudança Lingüísticas, a qual serve de arcabouço teórico à análise quantitativa realizada nesta pesquisa. Por fim (seção 1.5.), é feito um breve resumo acerca dos principais pontos tratados no presente capítulo.

## 1.1. O verbo e o não-verbo: algumas diferenças

Há, entre o verbo e o não-verbo, diferenças no plano morfológico. Câmara Jr. (2007)<sup>3</sup> afirma que a estrutura morfológica interna do não-verbo<sup>4</sup> pode ser representada como no quadro a seguir:

**Quadro 1.** Estrutura interna do não-verbo

<b>Radical</b>	+	<b>(vogal temática)</b>
<i>corajos</i>		<i>o</i>
<i>grand</i>		<i>e</i>
<i>leal</i>		∅
<i>peru</i>		∅

À estrutura interna do não-verbo podem ser acrescentados afixos flexionais (de gênero: *corajoso/corajosa* e/ou de número: *peru/perus*) e afixos derivacionais (em prefixos: *desleal* e/ou sufixos: *lealdade*).

Já a estrutura do verbo mostra-se mais complexa. Segundo o autor, isso ocorre pois “o verbo é em português o vocábulo flexional, por excelência, dada a complexidade e a multiplicidade das suas flexões” (p. 104). A fórmula geral da estrutura interna do verbo regular<sup>5</sup> é apontada por Câmara Jr. (2007) como:

<sup>3</sup> As citações de Câmara Jr. na presente dissertação referem-se à quadragésima edição do livro, publicada no ano de 2007. Cabe ressaltar, no entanto, que a publicação original dessa obra data de 1970.

<sup>4</sup> Na classe do não-verbo, Câmara Jr. (2007) engloba os substantivos e os adjetivos.

<sup>5</sup> Nos verbos irregulares, segundo Câmara Jr. (2007), pode haver mudança no radical, o qual passa a contribuir para as informações de modo-tempo e de número-pessoa, como em *diss-* (*disseste, disse*) e *troux-* (*trouxeste, trouxe*).



**Quadro 2.** Estrutura interna do verbo

Radical	Tema		Sufixo flexional	
	vogal temática		sufixo modo-temporal	sufixo número-pessoal
<i>am</i>	Ø		Ø	<i>o</i>
<i>fal</i>	<i>a</i>		Ø	<i>mos</i>
<i>pod</i>	<i>e</i>		<i>ria</i>	Ø
<i>am</i>	<i>a</i>		Ø	Ø

Deve-se destacar, no entanto, que o não-verbo e o verbo apresentam distinções também no plano fonológico.

Uma dessas diferenças relaciona-se às regras de acento primário do português. Lee (1995) defende a existência de duas regras de acento: uma para o verbo e outra para o não-verbo.<sup>6</sup> Assim, verifica-se que essas regras são sensíveis à categoria lexical. De acordo com o autor, que se baseia nos princípios da Fonologia Lexical Prosódica, proposta por Inkelas (1989, 1993), as regras de acento do não-verbo e do verbo aplicam-se em níveis distintos:<sup>7</sup> as regras de acento do não-verbo aplicam-se no nível  $\alpha$ , enquanto as do verbo aplicam-se no nível  $\beta$ .

Observa-se, também, que os sufixos flexionais do não-verbo não afetam a atuação da regra de acento (como, por exemplo, em *cása* – *cásas*), mesmo se, com o processo, é acrescentada uma sílaba ao vocábulo (como em *fa.tór* – *fa.tó.res*). Já os sufixos flexionais do verbo, por sua vez, podem mudar a localização do acento primário (como, por exemplo, em *coméça* – *começámos*). Dessa forma, verifica-se que o acento, no nome, não sofre mudança

<sup>6</sup> Lee (2006) mostra que as diferenças de atribuição de acento existentes entre o verbo e o não-verbo remontam aos funcionamentos dessas regras nas origens do português, já que a atribuição do acento do verbo é semelhante à atribuição do acento no latim vulgar, enquanto a atribuição do acento no não-verbo é semelhante à encontrada no latim clássico.

<sup>7</sup> Conforme afirma Lee (1995), nesse modelo teórico, cada nível funciona como um domínio prosódico da aplicação das regras fonológicas e morfológicas.

de localização ao ser afixado o sufixo flexional de plural; enquanto, no verbo, ocorre essa mudança ao serem afixados os sufixos flexionais de tempo/modo, número/pessoa.

Assim, o fato de a formação do plural não afetar a atuação da regra de acento do não-verbo pode ser explicado com base na proposta de Lee (1995) de que a regra de acento do não-verbo ocorre no nível  $\alpha$ , enquanto o processo de formação de plural ocorre em um nível mais baixo do léxico – nível  $\beta$ . Neste mesmo nível, também ocorrem as flexões verbais e, desse modo, é também nesse nível que atua a regra de atribuição de acento do verbo.

Ainda em relação ao acento, Lee (1995) afirma que, em certos casos, sua posição pode distinguir as categorias lexicais *verbo* e *nome*, como em *continúo* e *formúla* (verbos) e *contínuo* e *fórmula* (nomes).<sup>8</sup>

Além disso, de acordo com o autor, o acento oxítono na sílaba pesada, como em *a.mór* e *ra.páz*, ocorre apenas no não-verbo. O acento do verbo que termina em sílaba pesada, com exceção das formas no infinitivo, como *fa.lár*, cai na penúltima sílaba, como em *fá.lam*, *fa.lá.mos* e *fa.lá.ram*.

Segundo Wetzels (1992), o não-verbo está sujeito a casos de neutralização de vogais médias em favor de vogais médias-baixas em contexto de sílaba **tônica**:<sup>9</sup> (i) *abaixamento datílico*, restrição de condicionamento prosódico que proíbe, em sílabas tônicas de proparoxítonas, vogais médias-altas, como em *\*es.que.[ˈle].ti.co* (*es.que.[ˈlɛ].ti.co*); e (ii) de *abaixamento espondeu*, em vocábulos em que, apesar de a última sílaba do vocábulo ser pesada, o que atrairia, a princípio, o acento para essa sílaba, a penúltima sílaba é a tônica, como em *[ˈmɔ].vel*. De acordo com Battisti e Vieira (1999), o verbo regular, por sua vez, não

<sup>8</sup> A distinção de categorias lexicais por meio do acento também ocorre na língua espanhola (cf. HARRIS, 1989), como, por exemplo, nos vocábulos *plática* e *ansías* (verbos) e *plática* e *ansías* (nomes).

<sup>9</sup> A neutralização de vogais em sílaba **pretônica** é discutida mais adiante.

é atingido por essas regras, como se verifica, respectivamente, em *a.pren.['de].ra.mos* e *es.['ke].çam*.

A classe gramatical do verbo apresenta uma especificidade que deve ser destacada: nas raízes de muitas formas verbais do PB, há um padrão de alternância vocálica. Segundo Quicoli (1990), isso ocorre, mais precisamente, em formas verbais cujas raízes terminam por uma vogal média ou média-baixa em suas representações subjacentes. Deve-se destacar que há, na literatura, discussão acerca de qual vogal deve ser considerada na representação subjacente. Neste trabalho, segue-se a proposta de Quicoli (1990), que assume a vogal subjacente com base na vogal presente na forma nominal correspondente ao verbo considerado, como, por exemplo, em *d[u]rma – d[o]rmitório*.

Harris (1974, p. 62) apresenta o seguinte quadro acerca das alternâncias vocálicas nas raízes verbais do PB:

**Quadro 3.** Alternância vocálica nas raízes verbais

1ª CONJUGAÇÃO		2ª CONJUGAÇÃO		3ª CONJUGAÇÃO	
<b>PRESENTE DO INDICATIVO</b>					
<i>m[ɔ]ro</i>	<i>m[o]ramos</i>	<i>m[o]vo</i>	<i>m[o]vemos</i>	<i>s[i]rvo</i>	<i>s[e]rvimos</i>
<i>m[ɔ]ras</i>	<i>m[o]rais</i>	<i>m[ɔ]ves</i>	<i>m[o]veis</i>	<i>s[ɛ]rves</i>	<i>s[e]rvis</i>
<i>m[ɔ]ra</i>	<i>m[ɔ]ram</i>	<i>m[ɔ]ve</i>	<i>m[ɔ]vem</i>	<i>s[ɛ]rve</i>	<i>s[ɛ]rvem</i>
<b>PRESENTE DO SUBJUNTIVO</b>					
<i>m[ɔ]re</i>	<i>m[o]remos</i>	<i>m[o]va</i>	<i>m[o]vamos</i>	<i>s[i]rva</i>	<i>s[i]rvamos</i>
<i>m[ɔ]res</i>	<i>m[o]reis</i>	<i>m[o]vas</i>	<i>m[o]vais</i>	<i>s[i]rvas</i>	<i>s[i]rvais</i>
<i>m[ɔ]re</i>	<i>m[ɔ]rem</i>	<i>m[o]va</i>	<i>m[o]vam</i>	<i>s[i]rva</i>	<i>s[i]rvam</i>
<b>IMPERATIVO</b>					
<i>m[ɔ]ra</i>	<i>m[o]rai</i>	<i>m[ɔ]ve</i>	<i>m[o]vei</i>	<i>s[ɛ]rve</i>	<i>s[e]rvi</i>

De modo geral, pode-se afirmar, a partir de trabalhos como o de Harris (1974) e o de Quicoli (1990), que, para a obtenção do padrão de alternância vocálica apresentado no quadro 3, há a atuação e interação de uma série de regras, como, por exemplo, o *abaixamento*,<sup>10</sup> a *harmonia*, a *neutralização vocálica*, o *truncamento* e a *regra de atribuição de acento*. Passa-se, agora, a uma breve descrição dessas regras.

No que diz respeito à harmonia vocálica, em certas formas verbais de segunda e de terceira conjugações, a vogal da raiz harmoniza seus traços de altura com a vogal temática subjacente. Em *d[u]rmo*, por exemplo, verifica-se que a vogal subjacente da raiz verbal é média-alta, mas é realizada foneticamente como a alta [u], pela atuação da harmonia dessa vogal à vogal temática subjacente, que é alta.

Segundo Wetzels (1991), as formas verbais que sofrem a harmonia constituem um subconjunto de seqüências que perdem suas vogais temáticas por meio da regra do *truncamento*. Conforme afirma Harris (1974), esse processo é o responsável pela exclusão da vogal temática quando seguida imediatamente por uma vogal desinencial, como no exemplo apresentado a seguir:

**Quadro 4.** Exemplo de harmonia vocálica e de truncamento

<i>dorm + i + o</i>	
<i>durm i o</i>	Harmonia
<i>durmo</i>	Truncamento

Geralmente, o acento se localiza na penúltima sílaba (por exemplo, *dúrmo*). A *atribuição do acento*, dessa forma, deve se aplicar depois do truncamento, pois as sílabas

<sup>10</sup> Cabe destacar que esse processo é diferente do *abaixamento datílico* e do *abaixamento espondeu*, que, como já apresentado, ocorrem apenas em *não-verbos*.

acentuadas de formas verbais como *dúrmo* se tornam penúltimas apenas após a aplicação dessa regra. Além disso, é crucial que a harmonia ocorra antes do truncamento, já que esse processo remove a vogal temática com a qual a última vogal da raiz harmoniza em relação à altura.

No que diz respeito à *neutralização vocálica*, no início do capítulo sobre vogais e consoantes, em seu livro *Estrutura da língua portuguesa*, Câmara Jr. (2007, p. 39) afirma que “em referência às vogais, a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita. O que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones”.

Para a posição tônica em nomes, o autor apresenta esses sete fonemas da seguinte forma:

**Diagrama 1.** Vogais tônicas no PB

	<b>Arredondadas</b>		<b>Não-arredondadas</b>	
<b>Altas</b>	/u/			/i/
<b>Médias de 2º grau</b>		/o/		/e/
<b>Médias de 1º grau</b>			/ɔ/	/ɛ/
<b>Baixa</b>			/a/	
		<b>Posteriores</b>	<b>Central</b>	<b>Anteriores</b>

Segundo o autor, em posição pretônica, há uma redução de sete para cinco fonemas. Isso ocorre por meio do processo de *neutralização*,<sup>11</sup> em que há a supressão de certas oposições que, quando estão em posição tônica, têm valor distintivo. Especificamente sobre as

<sup>11</sup> Nesse caso, trata-se de neutralização vocálica em contexto de sílaba **pretônica**. Podem ser citados, como exemplos de neutralização vocálica em posição **tônica**, os processos de *abaixamento datílico* e *abaixamento espondeu*, já apresentados neste trabalho.

pretônicas, o autor afirma que desaparece a oposição entre 1º e 2º graus (respectivamente, as vogais médias-baixas e médias-altas), suprimindo as de 1º grau. Dessa forma, o quadro para as vogais pretônicas é representado, pelo autor, da seguinte maneira:

**Diagrama 2.** Vogais pretônicas no PB

	<b>Arredondadas</b>		<b>Não-arredondadas</b>
<b>Altas</b>	/u/		/i/
<b>Médias</b>	/o/		/e/
<b>Baixa</b>		/a/	
	<b>Posteriores</b>	<b>Central</b>	<b>Anteriores</b>

A neutralização nas vogais pretônicas das raízes verbais pode ser exemplificada por meio de formas do verbo *demorar*: *dem[o]ramos*, *dem[o]rais*, *dem[o]remos*, *dem[o]reis* e *dem[o]rai*. Apesar de a vogal subjacente ser [ɔ], tendo em vista a forma nominal *dem[ɔ]ra*, ocorre a neutralização em favor da vogal média-alta [o].

Quanto ao ordenamento das regras, constata-se que a neutralização vocálica não pode ocorrer antes da regra de atribuição de acento, pois a neutralização depende de informações referentes à tonicidade da vogal.

As formas verbais que contêm as vogais médias-baixas [ɛ, ɔ] na raiz em suas representações fonéticas e as vogais [e, o, i, u] como vogais subjacentes são resultado do

processo de *abaixamento vocálico*,<sup>12</sup> como ocorre em *esc[ɔ]va* (vogal subjacente [o], da forma nominal *esc[o]va*).

Segundo Harris (1974), verifica-se que verbos de 1ª ou de 2ª conjugação com [i] ou [u] como última vogal na raiz (como em *empurra* e *vive*), assim como a maioria dos verbos de 3ª conjugação com [i] ou [u] como última vogal na raiz<sup>13</sup> (como em *dirige*, *discute*), nunca apresentam as médias-baixas [ɛ, ɔ] nas representações de superfície.

De acordo com a perspectiva de Harris (1974), pelo fato de a regra de abaixamento ser sensível ao acento, deveria se aplicar após a regra de atribuição de acento e, portanto, após a regra da harmonia. No entanto, dessa maneira, o abaixamento desfaria o trabalho da harmonia, produzindo, por exemplo, *\*m[ɔ]vo*, ao invés da forma correta *m[o]vo*. Para resolver essa questão, Harris (1974) afirma que harmonia e abaixamento interagem de modo que são mutuamente exclusivos: formas que sofrem a harmonia não sofrem o abaixamento. Já Quicoli (1990) propõe outro modo para resolver essa questão. Considera o abaixamento na raiz verbal uma regra condicionada morfológicamente, aplicando-se, por esse motivo, antes da harmonia. Em formas como *esc[ɔ]vo* e *ap[ɛ]la*, a vogal média-baixa produzida pelo processo de abaixamento permanece, pois a harmonia e a neutralização não ocorrem.

---

<sup>12</sup> Apesar de bastante difundidos na literatura, termos como *abaixamento*, *neutralização* e *redução vocálica* são passíveis de discussão, tendo em vista, por exemplo, o fato de que o termo *redução vocálica* poderia unificar os conceitos dos dois primeiros termos, já que, tanto pela *neutralização*, quanto pelo *abaixamento*, há uma *redução* no quadro do sistema vocálico – de sete para cinco vogais – em posição pretônica. Neste trabalho, no entanto, por não haver o intuito de se tratar dessa discussão, são apresentados os termos e os conceitos de acordo com o que vem sendo postulado na literatura.

<sup>13</sup> Nesse caso, há poucas exceções, como *fugir*, *frigor* e *subir*, que, mesmo tendo vogais subjacentes altas, sofrem o abaixamento, como em *ff[ɔ]ge*, *fr[ɛ]ge* e *s[ɔ]be*.

Assim, retomando as propostas desses autores para o ordenamento das regras apresentadas nesta seção, verificam-se os seguintes arranjos.

**Quadro 5.** Ordenamentos das regras envolvidas na alternância vocálica na raiz verbal, segundo Harris (1974) e Quicoli (1990)

Harris (1974) <i>mɔ̃+e+o</i>		Quicoli (1990) <i>mɔ̃+e+o</i>	
Harmonia	mov e o	Abaixamento	-
Truncamento	mov Ø o	Harmonia	mov e o
Atribuição de acento	móvo	Truncamento	mov Ø o
Abaixamento	bloqueado	Atribuição de acento	móvo
	<i>['mo]vo</i>	Neutralização	-
			<i>['mo]vo</i>

Vale destacar que, em certas formas verbais em alguns dialetos, sobretudo do Norte e do Nordeste do Brasil, há a regra variável de abaixamento de vogais átonas, como, por exemplo, em *m[ɛ]lh[ɔ]rar* e *f[ɔ]rmaram*. Quicoli (1990) defende que, em casos como esses, não há a aplicação da regra de neutralização e, desse modo, a vogal média-baixa anteriormente obtida por meio do abaixamento é mantida.

Outro fenômeno que pode ocorrer nas vogais átonas das raízes dos verbos (mas que também pode dar-se em outros contextos, como na vogal temática do verbo) é o *alçamento vocálico*, que, como já apresentado, consiste na realização fonética das vogais médias /e/ e /o/ como, respectivamente, as altas [i] e [u], como em *d[i]siste* e *c[u]nversou*. Esse fenômeno, presente nas vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista – objeto de estudo do presente trabalho –, é resultado da atuação de certos processos, os quais são descritos na seção a seguir.



## 1.2. O alçamento das vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista: processos envolvidos

Um dos processos que atuam na realização do *alçamento vocálico* nas vogais médias pretônicas é a *harmonização vocálica*<sup>14</sup> do traço de altura, em que as vogais médias se tornam altas pela influência de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *v[i]stia* e *c[u]stuma*.

Câmara Jr. (2007) afirma que a harmonização vocálica se dá quando a vogal /i/ ou /u/ presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é tônica. Bisol (1981), por sua vez, em sua tese sobre a harmonização vocálica na fala de informantes do Estado do Rio Grande do Sul, observa que o fator importante para a realização da harmonização vocálica é a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, independentemente de sua tonicidade. Dessa forma, percebe-se que os autores apresentam posições distintas em relação à tonicidade da vogal alta que serve como gatilho à aplicação da regra de harmonização vocálica.

No que diz respeito especificamente à harmonização vocálica nas vogais pretônicas dos *verbos*, Bisol (1981) destaca a influência dos sufixos verbais, lembrando que, em verbos de 2ª e de 3ª conjugações, há uma abundância de condicionadores na flexão verbal, que cria vogais altas e que as espalha pelo paradigma, como, por exemplo, em *s[i]nti*, *s[i]ntia*, etc.

No entanto, o alçamento pode ocorrer não só por meio da harmonização, mas também por outro processo fonológico: a *redução vocálica* (ABAURRE-GNERRE, 1981). Por esse

---

<sup>14</sup> Também denominada *harmonia vocálica*. Cabe ressaltar, no entanto, que esse processo não corresponde à harmonia vocálica nas raízes verbais já apresentada neste trabalho. A harmonização/harmonia analisada nesta pesquisa em relação ao fenômeno do alçamento vocálico consiste em uma regra variável. Neste trabalho, denominamos o processo variável como *harmonização vocálica*, a fim de facilitar sua distinção em relação à regra categórica da *harmonia* presente na raiz verbal.

processo, as vogais se tornam articulatoriamente mais próximas dos segmentos **consonantais** adjacentes. No vocábulo *alm[u]çar*, por exemplo, há o alçamento da vogal /o/ em decorrência do processo de redução vocálica: a consoante precedente [m], pelo seu traço de labialidade, favorece a ocorrência da vogal alta /u/, que tem uma maior labialização do que /o/, segundo Bisol (1981). Nesse caso, não há, na palavra, vogal alta que possa desencadear o processo de alçamento, não sendo, portanto, um caso de harmonização vocálica.

Passa-se, agora, à apresentação dos princípios gerais da Fonologia Autossegmental e do tratamento que esse modelo teórico fornece a respeito dos processos que acarretam a aplicação do alçamento.

### **1.3. A Fonologia Autossegmental e seu tratamento acerca dos processos envolvidos na aplicação do alçamento**

A Fonologia Autossegmental constitui um dos modelos não-lineares em Fonologia. Esses modelos, surgidos na segunda metade da década de 70, concebem a fonologia de uma língua como uma organização hierárquica dos traços. De acordo com Hernandorena (1999), enquanto o modelo linear concebe uma relação de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, nos modelos não-lineares, os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento, ligar-se a mais de uma unidade, e funcionar isoladamente ou em conjuntos.

Esses modelos não-lineares avançaram em relação à proposta do modelo linear. Como afirma Abaurre (2006, p. 54):

caracterizam essas sub-teorias a adoção de representações subjacentes nas quais se introduziu uma hierarquia de níveis e de constituintes, o que permitiu não só a auto-segmentalização de traços fonológicos como também a explicitação de relações sintáticas no âmbito do próprio componente fonológico. Essas representações não-lineares podem ser vistas como mais adequadas do que as representações da fonologia gerativa padrão, pois permitem uma modelagem mais adequada da competência fonológica.

Por meio da afirmação de Abaurre (2006), percebe-se, também, que há uma forte base compartilhada pelos diferentes modelos não-lineares. A partir disso, pode-se dizer que esses modelos não são contraditórios entre si, e sim complementares.

Especificamente sobre a Teoria Autossegmental, Wetzels (1991, p. 36) afirma que “[...] essa teoria está mais bem equipada do que a *standard* não só para lidar com a assimilação como também com todos os processos fonológicos [...]”.

A Teoria Autossegmental, como o próprio nome indica, opera com *autossegmentos*, o que permite, segundo Hernandorena (1999), a segmentação independente de partes dos sons das línguas.

Como já citado, essa teoria, como os outros modelos não-lineares, defende a existência de uma hierarquia entre os traços que compõem cada segmento da língua. Essa hierarquia é representada pela *Geometria de Traços* (CLEMENTS, 1985, 1991; CLEMENTS e HUME, 1995), na qual, segundo Hernandorena (1999), a organização se mostra por meio de configurações de *nós hierarquicamente ordenados*, em que os *nós terminais* são traços fonológicos e os *nós intermediários* são classes de traços. Assim, os traços de cada segmento se encontram dispostos em diferentes camadas ou *tiers*.

Segundo Cagliari (2002), essa abordagem difere da maneira com a qual os traços são tratados no modelo linear proposto por Chomsky e Halle (1968), em que se concebe a



([labial], [coronal] e [dorsal]); e (ii) *abertura*, que domina os traços referentes às alturas das vogais.

É no nó *abertura* que se formaliza o processo de harmonização vocálica. Esse nó apresenta um único traço: [*aberto*], cujos diferentes graus são organizados em *tiers* e recebem um valor positivo ou negativo. Wetzels (1991) apresenta o seguinte quadro de vogais especificadas em relação aos traços de abertura:

**Quadro 6.** Especificação das vogais em termos de traços de abertura

	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
aberto <sub>1</sub>	-	-	-	+
aberto <sub>2</sub>	-	+	+	+
aberto <sub>3</sub>	-	-	+	+

Por meio do quadro, percebe-se que as vogais médias-altas /e/ e /o/ apresentam os valores de traços [-aberto<sub>1</sub>, +aberto<sub>2</sub>, -aberto<sub>3</sub>], enquanto as vogais altas /i/ e /u/ apresentam: [-aberto<sub>1</sub>, -aberto<sub>2</sub>, -aberto<sub>3</sub>]. Assim, as vogais altas diferenciam-se das médias-altas apenas pelo traço [aberto<sub>2</sub>].

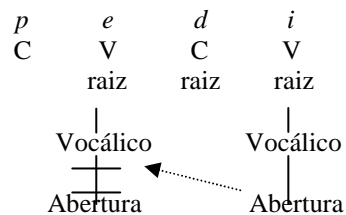
Conforme afirma Cagliari (2002, p. 127), na Geometria de Traços, “através de *linhas de associação*, os traços de um segmento podem se ligar a traços de outros, revelando os processos fonológicos que ocorrem, como a assimilação, a queda etc”.

Segundo Wetzels (1991), a assimilação desempenha um papel importante no desenvolvimento da Fonologia Autossegmental e na discussão sobre a Geometria de Traços. Nesses modelos, cada caso de assimilação corresponde a um caso de espraiamento de um

segmento a outro, que tanto pode ser o espraiamento de um traço terminal, quanto de um nó de classe.

De acordo com a Teoria Autossegmental e com o modelo da Geometria de Traços (CLEMENTS e HUME, 1995), a harmonização vocálica pode ser expressa por meio de um processo de assimilação dos traços de altura que envolve o nó *abertura* do segmento. Esse processo ocorre da seguinte forma:

**Diagrama 4.** Representação do alçamento vocálico ocorrido em *p[i]di*, segundo a Teoria Autossegmental e o modelo da Geometria de Traços



Como se pode observar com o exemplo, em que há harmonização vocálica na pretônica /e/ do vocábulo *p[i]di*, há um desligamento da linha de associação do nó *abertura* da pretônica-alvo, que passa a ter o nó abertura (e os traços de altura) da vogal alta presente na sílaba seguinte.

No que diz respeito aos casos em que o processo de *redução vocálica* ocorre, pode-se dizer que há, em termos do modelo da Geometria de Traços, um compartilhamento de traço no Ponto de V da vogal pretônica e no Ponto de C da consoante adjacente a ela, seja esse traço [labial] ou [dorsal], no caso de /o/, ou [coronal], no de /e/, ou seja, trata-se de um caso de *homorganicidade*. Assim, a Geometria de Traços, pelo fato de considerar os mesmos

traços (*[labial]*, *[coronal]* e *[dorsal]*)<sup>15</sup> como característicos dos pontos de articulação de consoantes e de vogais, expressa o contexto de partilha de traços entre esses segmentos. No entanto, parece não explicar a mudança de abertura da vogal em função do ponto de articulação da consoante adjacente.<sup>16</sup>

Apresentam-se, na seção que segue, os princípios fundamentais da Teoria da Variação e da Mudança Lingüísticas, a qual é a base para a análise quantitativa realizada no presente trabalho.

#### **1.4. A teoria da Variação e da Mudança Lingüísticas**

Sabe-se que a língua falada é heterogênea e variável (cf. TARALLO, 2003). As formas em variação são definidas por Mollica (2004) como formas distintas em diferentes níveis (entre eles, o fonético-fonológico) que, a princípio, são equivalentes semanticamente.

Essas formas em variação constituem o objeto de estudos da *Teoria da Variação e da Mudança Lingüísticas*, também denominada *Sociolingüística quantitativa*, por operar com números e tratamento estatístico dos dados. De acordo com essa teoria, proposta pelo lingüista norte-americano William Labov (1991),<sup>17</sup> as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou

---

<sup>15</sup> As localizações desses traços nas árvores de traços de consoante e de vogal propostas por Clements (1991) são diferentes. Enquanto o traço que determina o ponto de articulação das consoantes está no nó Ponto de C, o traço que determina o ponto de articulação das vogais está presente algumas ramificações abaixo, tendo em vista que, nas vogais, o nó Ponto de C liga-se ao nó Vocálico, que domina dois outros nós, sendo um deles o Ponto de V, onde está localizado o traço do ponto de articulação da vogal (cf. diagrama 3).

<sup>16</sup> Cabe ressaltar que a Geometria de Traços permite explicar a *redução vocálica* se entendida como perda de traços no nó *abertura*.

<sup>17</sup> Primeira edição em 1972.

estruturas obedecem a um padrão sistemático regulado pelas *regras variáveis*, que expressam a co-variação entre elementos do ambiente lingüístico e do contexto social.

De acordo com Faraco (2005), a configuração estrutural das línguas se altera no tempo. Essa mudança lingüística, no entanto, não acarreta perda de sua plenitude estrutural. Dessa forma, “as línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico” (p. 14).

Conforme afirma Faraco (2005), é da realidade heterogênea e variável da língua que emerge a mudança. Assim, para que exista mudança, é necessário que tenha havido variação. Nesse caso, a realização de uma variante se sobrepõe totalmente à da variante com a qual competia. No entanto, sabe-se que não necessariamente a variação acarreta mudança. As variantes podem se encontrar em variação estável, por exemplo. Desse modo, as pesquisas baseadas no arcabouço teórico da Variação e Mudança Lingüísticas costumam ter, como um de seus objetivos, definir se seus objetos de estudo se encontram em variação estável ou em mudança em progresso.

A verificação da mudança pode ser dada em: (i) *tempo real*, por meio da observação, por exemplo, de antigos textos escritos (*mudança em tempo real de longa duração*) ou pela consideração dos mesmos informantes separados por um lapso temporal (*mudança em tempo real de curta duração*); ou (ii) em *tempo aparente*, por meio da consideração das faixas etárias dos informantes – por exemplo, se determinada variante for mais utilizada entre os jovens e se o emprego dessa variante for menor à medida que aumentam as faixas etárias dos informantes, pode-se dizer que há indícios de uma *mudança em progresso*.

A mudança lingüística pode ser descrita e explicada segundo dois modelos divergentes: o modelo da *difusão lexical* e o *neogramático*. De acordo com o modelo



*difusionista*, cada vocábulo apresenta sua história. Seguindo-se essa teoria, as mudanças, implementadas a partir do léxico, são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Já o modelo *neogramático* propõe que todas as palavras sejam atingidas indistintamente pela mudança lingüística (mudanças lexicalmente abruptas e foneticamente graduais), e que as eventuais exceções à regra possam ser explicadas por analogia.

No panorama da variação, encontra-se o processo de alçamento em vogais pretônicas, regra variável que possibilita a co-existência de formas como *par[e]cia* ~ *par[i]cia* e *c[o]meça* ~ *c[u]meça*, que ocorrem em um mesmo contexto fonológico, em uma mesma comunidade e, em certos casos, na fala de um mesmo informante. Descrever o comportamento variável das vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista é o objetivo principal desta pesquisa.

No próximo capítulo, são apresentados os passos metodológicos trilhados para o alcance desse objetivo.

## **1.5. Resumo**

No início do presente capítulo (seção 1.1.), foram apresentadas algumas diferenças morfofonológicas existentes entre o verbo e o não-verbo, como, por exemplo, a proposta de Lee (1995) de que a regra de acento do verbo é diferente da regra de acento do não-verbo. Especificamente sobre o verbo, discorreu-se acerca do padrão de alternância vocálica presente nas raízes de muitos verbos do PB. Foram apresentados (i) as regras que causam essa alternância; e (ii) os ordenamentos dessas regras, propostos por Harris (1974) e Quicoli (1990), que mostram as interações existentes entre elas.

Na seção 1.2., foram introduzidos os processos que acarretam o alçamento das vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista: a harmonização e a redução vocálica. Na seção seguinte (1.3.), após a apresentação da Teoria Autossegmental, um dos modelos não-lineares em Fonologia, mostrou-se que essa teoria, por meio do modelo da Geometria de Traços, concebe o processo de harmonização vocálica como um caso de assimilação do nó abertura da vogal alta à vogal pretônica-alvo. Já em relação à redução vocálica, observou-se que a Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços não parecem conseguir explicar a atuação desse processo, mesmo considerando os mesmos traços ([labial], [coronal] e [dorsal]) para representar os pontos de articulação de consoantes e de vogais.

Por fim, na seção 1.4., foram apresentados alguns princípios da Teoria da Variação e da Mudança Lingüísticas, proposta por Labov (1991), que embasa a análise quantitativa realizada nesta pesquisa.

## CAPÍTULO 2

### ***CORPUS E METODOLOGIA***

---

O presente capítulo trata do *corpus* e dos aspectos metodológicos utilizados nesta pesquisa e encontra-se organizado da seguinte forma: (i) inicialmente, na seção 2.1., são apresentadas algumas características históricas, geográficas e sócio-econômicas do noroeste paulista, mais precisamente do município de São José do Rio Preto; (ii) em 2.2., têm-se informações acerca do banco de dados IBORUNA, do qual provém o *corpus* utilizado neste trabalho; (iii) na seção 2.3., são apresentadas as variáveis consideradas nesta pesquisa; (iv) em 2.4., são descritos os passos metodológicos realizados, apresentando-se, por exemplo, os contextos que foram excluídos da análise quantitativa dos dados e a justificativa para tais exclusões; e, (v) em 2.5., são retomados os principais aspectos metodológicos do presente trabalho abordados neste capítulo.

#### **2.1. Comunidade de fala**

Nesta pesquisa, são analisadas amostras de fala espontânea de informantes provenientes do noroeste paulista, mais especificamente de São José do Rio Preto, município que dista 452 quilômetros da capital do Estado, e de suas seis cidades circunvizinhas: Ipiguá,

Onda Verde, Guapiaçu, Cedral, Bady Bassit e Mirassol. A localização desses municípios ao redor de São José do Rio Preto pode ser visualizada de acordo com o mapa<sup>18</sup> seguinte.

**Mapa 1.** São José do Rio Preto e suas cidades circunvizinhas<sup>19</sup>



A origem de São José do Rio Preto, que, atualmente, tem uma área de 431 km<sup>2</sup>, circunda o ano de 1840, quando mineiros se fixaram no local que hoje corresponde ao município a fim de realizarem exploração agrícola e criação de gado. A cidade foi fundada em 1852 por meio da construção de uma casa de sapé e de uma capela e teve seu nome escolhido como homenagem a seu padroeiro, São José, e ao rio que corta o município, Rio Preto.

Atualmente, São José do Rio Preto é a sede da região administrativa que leva o nome da cidade e que engloba outros 96 municípios. No mapa a seguir,<sup>20</sup> observam-se as seguintes localizações: (i) do Estado de São Paulo em relação ao Brasil; (ii) da região administrativa de

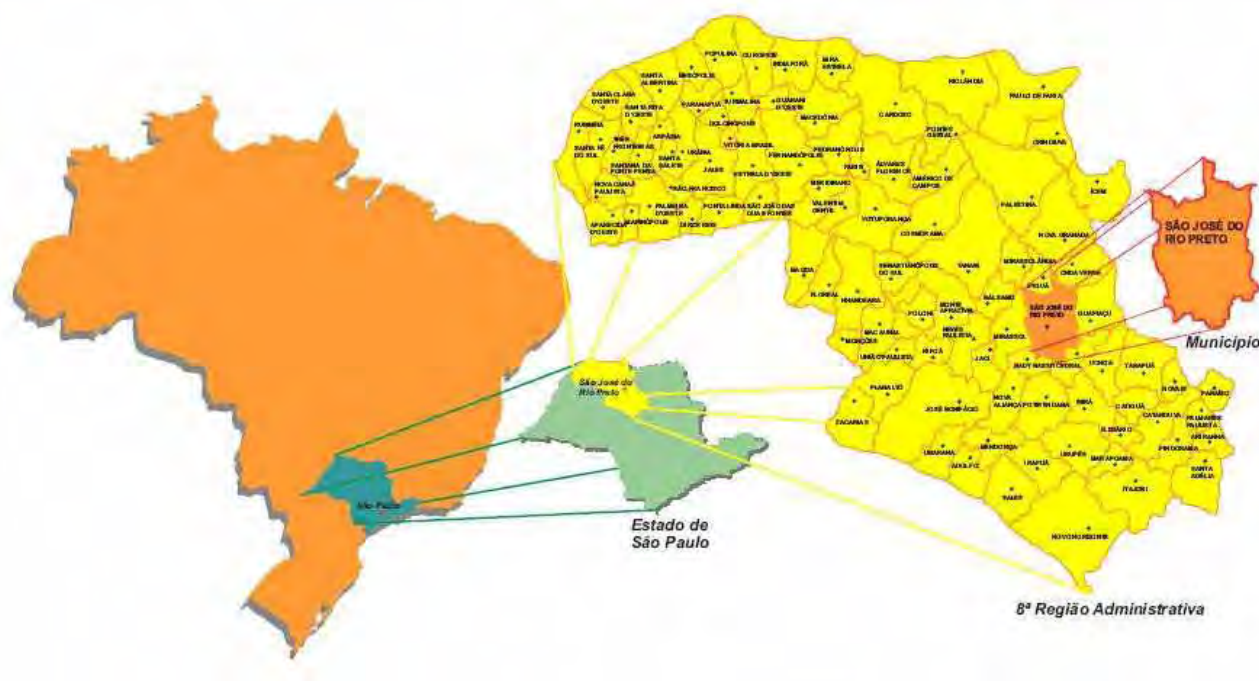
<sup>18</sup> Retirado do *site* do Portal da Prefeitura ([www.riopreto.sp.gov.br](http://www.riopreto.sp.gov.br)), no dia 14 de abril de 2008.

<sup>19</sup> Os nomes das cidades circunvizinhas a São José do Rio Preto aparecem sublinhados.

<sup>20</sup> Retirado do *site* do Portal da Prefeitura ([www.riopreto.sp.gov.br](http://www.riopreto.sp.gov.br)), no dia 14 de abril de 2008.

São José do Rio Preto em relação ao Estado paulista; e (iii) do município de São José do Rio Preto em relação à região administrativa da qual é a cidade-sede.

**Mapa 2.** Localização do município de São José do Rio Preto, da região administrativa de que é sede e do Estado de São Paulo

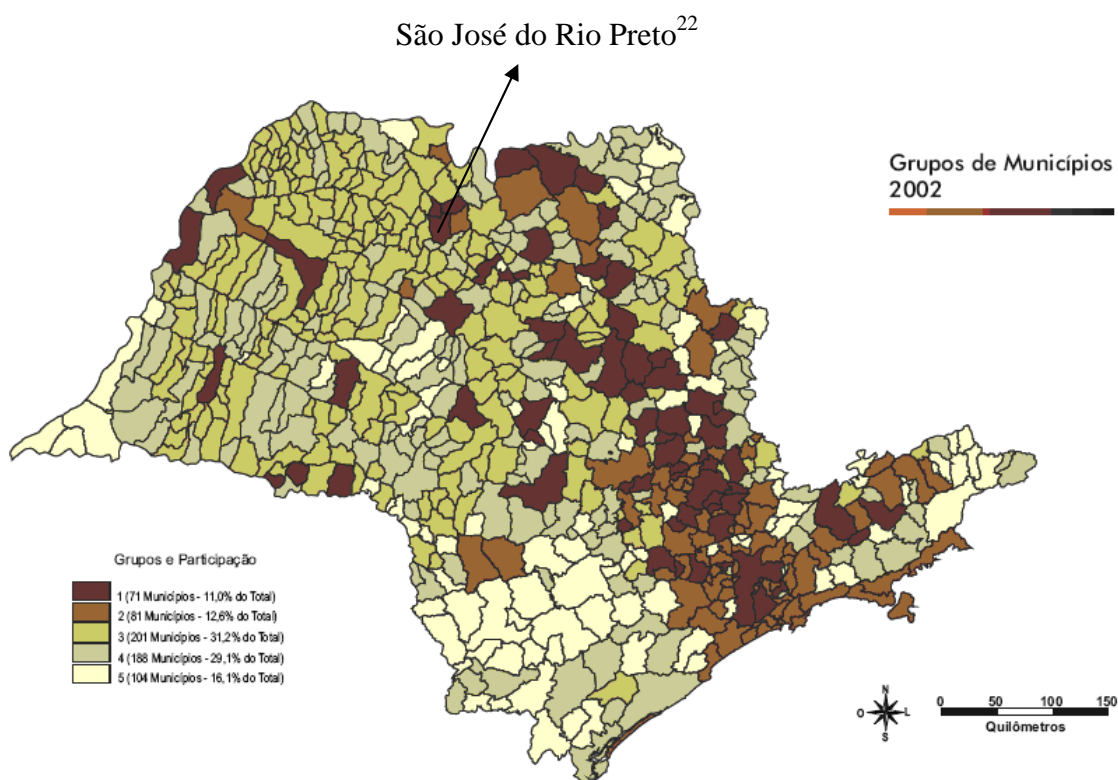


Para se tratar da situação sócio-econômica da região de São José do Rio Preto, pode-se valer do *Índice Paulista de Responsabilidade Social* (doravante, IPRS), organizado e desenvolvido pela *Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados* (daqui em diante, SEADE), centro de produção e disseminação de pesquisas, análises e estatísticas socioeconômicas e demográficas vinculado à Secretaria de Economia e Planejamento do Governo do Estado de São Paulo. Por meio do IPRS, os municípios paulistas são avaliados quanto aos seus índices de riqueza, escolaridade e longevidade, sendo divididos em cinco grupos: (i) grupo 1 – nível elevado de riqueza e bons níveis nos indicadores sociais; (ii) grupo 2 – nível elevado de riqueza, mas baixos índices nos indicadores sociais; (iii) grupo 3 – nível

de riqueza baixo, mas com bons indicadores sociais; (iv) grupo 4 – baixo nível de riqueza e níveis intermediários de longevidade e/ou de escolaridade; e (v) grupo 5 – baixo nível de riqueza e baixos índices nos indicadores sociais.

A classificação dos municípios do Estado segundo o IPRS pode ser observada por meio do mapa seguinte.<sup>21</sup>

**Mapa 3.** Classificação dos municípios paulistas segundo o IPRS



Podem ser observados, no mapa, os bons índices das regiões centro-este e sudeste, mas alguns municípios pertencentes ao Grupo 2 e que são muito ricos, como Campinas, só não atingem o Grupo 1 por não apresentarem um bom nível nos indicadores sociais. Destacam-se,

<sup>21</sup> Retirado do *site* da Fundação SEADE (<http://www.seade.gov.br/>), em 14 de abril de 2008.

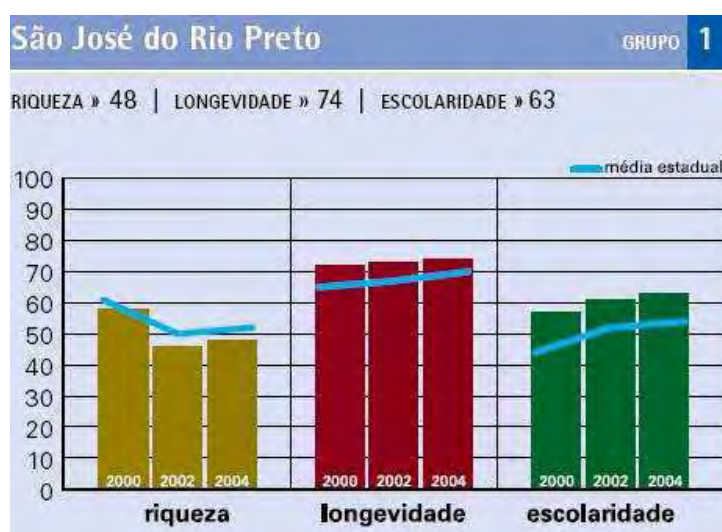
<sup>22</sup> Destaque feito pela autora desta dissertação.

também, os baixos índices de desenvolvimento da região sudoeste, que concentra os municípios com baixos índices, tanto aqueles relacionados a riqueza, quanto a aspectos sociais.

Quanto à região do noroeste paulista, seus municípios classificam-se, sobretudo, no Grupo 3, que não são ricos, mas que apresentam bons indicadores sociais. São José do Rio Preto destaca-se por, além de ser a sede dessa região administrativa, manter-se, há vários anos, no Grupo 1, ou seja, trata-se de uma cidade com altos índices de riqueza e com bons indicadores sociais.

Por meio de informações obtidas e divulgadas pela Fundação SEADE,<sup>23</sup> verificam-se, também, os resultados dos três fatores (riqueza, longevidade e escolaridade) para a classificação dos municípios no IPRS específicos do município de São José do Rio Preto, representados pela figura a seguir:

**Figura 1.** Índices de riqueza, longevidade e escolaridade de São José do Rio Preto



<sup>23</sup> Retirado do *site* da Fundação SEADE (<http://www.seade.gov.br/>), em 14 de abril de 2008.

Constata-se que os índices de longevidade e de escolaridade do município de São José do Rio Preto se mostram maiores do que as médias estaduais, enquanto a riqueza do município, nos anos de 2002 e de 2004, está levemente abaixo da média obtida nos outros municípios do Estado. No entanto, o fato de São José do Rio Preto se encontrar no Grupo 1, segundo a classificação da Fundação SEADE, mostra que se trata de um município com altos recursos financeiros e com economia forte. Essa economia é baseada, sobretudo, no setor de serviços, no comércio, na agropecuária e nas indústrias do município, com destaque à alimentícia, à de jóias e de folhados e à de produtos médicos.

De acordo com dados do IBGE referentes ao ano de 2007, São José do Rio Preto tem, atualmente, uma população cujo número ultrapassa 400 mil habitantes. Quanto ao gênero dessa população, como acontece em sua região administrativa e em várias outras do Estado, prevalece o sexo feminino, havendo 94 homens para cada 100 mulheres. Em relação à faixa etária, quando se observam dados da Fundação SEADE e da prefeitura do município, percebe-se que a distribuição da população por faixas etárias segue a tendência do Estado, apresentando diminuição na participação de crianças e aumento na de idosos.

Essas características, em conjunto, além de indicar o perfil geral do município de São José do Rio Preto, também são importantes para a constituição da comunidade de fala da região ora estudada. Nesta pesquisa, são utilizadas amostras de fala de moradores da região que pertencem a um banco de dados constituído a partir de critérios sociais como escolaridade, sexo/gênero, faixa etária e renda familiar. Deve-se ressaltar, no entanto, que, na composição do banco de dados, não foi considerada a distribuição do total de informantes proporcionalmente à composição dos segmentos sociais que caracterizam a população de São



José do Rio Preto e de suas cidades circunvizinhas.<sup>24</sup> Passa-se, agora, a uma maior descrição do banco de dados utilizado neste trabalho.

## 2.2. O banco de dados IBORUNA

O *corpus* da pesquisa deste trabalho é proveniente do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto “Amostra Lingüística do Interior Paulista” – ALIP (Proc. FAPESP 03/08058-6),<sup>25</sup> realizado no IBILCE/UNESP, sob a coordenação do professor Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. Esse banco de dados, disponível no *site* [www.iboruna.ibilce.unesp.br](http://www.iboruna.ibilce.unesp.br), conta com amostras de fala espontânea de informantes oriundos de São José do Rio Preto e das seis cidades circunvizinhas já apresentadas na seção anterior.

As amostras coletadas são classificadas em dois tipos: (i) *amostra do censo lingüístico*; e (ii) *amostra de interação dialógica*. Na pesquisa sobre vogais pretônicas dos verbos apresentada neste trabalho, considera-se apenas o primeiro tipo de amostra, pois é nela que há um maior controle das variáveis sociais, as quais são de suma importância para a seleção dos inquéritos utilizados nesta pesquisa.

Na *amostra do censo lingüístico*, controlam-se as variáveis sociais: (i) *sexo/gênero* (masculino e feminino); (ii) *escolaridade* (1º ciclo do Ensino Fundamental; 2º ciclo do Ensino Fundamental; Ensino Médio; e Ensino Superior); (iii) *faixa etária* (de 7 a 15 anos; de 16 a 25

---

<sup>24</sup> Isso resultou, por exemplo, em certa dificuldade de se encontrar informantes com determinado perfil social (especialmente informantes com faixas etárias intermediárias e baixa escolaridade – já que o nível de escolaridade na região de São José do Rio Preto é elevado), o que acarretou no “afrouxamento” ou, até mesmo, desprezo da variável *renda familiar* no âmbito da constituição do banco de dados.

<sup>25</sup> A autora deste trabalho fez parte da equipe técnica do Projeto ALIP como bolsista de Capacitação Técnica (FAPESP 04/02962-5). Essa equipe era responsável pelas gravações e transcrições ortográficas dos materiais coletados.

anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos; e acima de 56 anos); e (iv) *renda familiar* (até 5 salários-mínimos; de 6 a 10 salários-mínimos; de 11 a 24 salários-mínimos; e acima de 25 salários-mínimos).<sup>26</sup>

Dos 152 informantes que foram entrevistados e cujas falas compõem a *amostra do censo lingüístico* do banco de dados IBORUNA, foram colhidos, por meio de gravadores digitais, cinco tipos de relatos: (i) *narrativa de experiência pessoal*; (ii) *narrativa de experiência recontada*; (iii) *descrição*; (iv) *procedimento*; e (v) *opinião*. Para a pesquisa do presente trabalho, são considerados todos esses gêneros, porém, sem considerá-los como uma variável, por não serem tomados como um fator que possa ser relevante para a aplicação ou não de processos fonológicos nas vogais pretônicas dos verbos.

No banco de dados IBORUNA, há, também, arquivos com transcrições ortográficas dos dados de todas as entrevistas.<sup>27</sup> Essas transcrições foram realizadas a partir de um Manual do Sistema de Transcrição, elaborado pelos coordenadores do projeto com base em algumas normas de anotação de *corpus* já conhecidas, como a do projeto NURC. Cabe destacar que essas transcrições não trazem notação sobre a realização ou não do processo fonológico do alçamento. Portanto, procedeu-se à análise das vogais pretônicas segundo metodologia a ser explicitada na seção 2.4. Antes de tratar da metodologia seguida, faz-se necessário tratar das variáveis por meio das quais procurar-se-á caracterizar a fala da comunidade da região de São José do Rio Preto (SP).

---

<sup>26</sup> Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, é considerada, como variável social, somente a *faixa etária*. A exclusão das demais variáveis é justificada na seção 2.3.2.

<sup>27</sup> É apresentado um trecho de uma transcrição ortográfica do banco de dados IBORUNA no Anexo 1 do presente trabalho.

### 2.3. Variáveis

De acordo com Tarallo (2003), a variável lingüística é composta de duas ou mais variantes, que podem ser definidas como as diferentes maneiras de realização de uma forma lingüística em um dado contexto e com o mesmo sentido. O conjunto de variantes forma a *variável lingüística*, a qual pode ser *dependente* – composta pelas formas em variação – ou *independente* – composta por fatores que condicionam a realização dessas formas.

Estudos que consideram, como variável dependente, a ocorrência e a não-ocorrência do alçamento em vogais pretônicas em diferentes dialetos do PB, como os de Bisol (1981), Celia (2004) e Viegas (1987, 2001),<sup>28</sup> costumam considerar variáveis independentes que se relacionam à presença de vogais e consoantes adjacentes à pretônica-alvo, como, por exemplo, a *altura da vogal da sílaba seguinte à da pretônica-alvo* e os *pontos de articulação da consoante precedente e seguinte à pretônica-alvo*, verificando, assim, a atuação das regras de *harmonização* e de *redução vocálica* nas ocorrências de alçamento.

Especificamente sobre o comportamento das vogais médias pretônicas dos *nomes* na fala culta do interior paulista, Silveira (2008) observa as seguintes variáveis lingüísticas: (i) *vogal da sílaba tônica*; (ii) *posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica*; (iii) *vogal átona seguinte*; (iv) *segmento precedente*; (v) *segmento seguinte*; (vi) *tipo de sílaba*; (vii) *nasalidade*; e (viii) *grau de atonicidade da vogal pretônica*. De modo geral, o resultado a que a autora chega, no que diz respeito à atuação dos processos de harmonização e redução vocálica, é que, no dialeto do interior paulista, a redução é o processo que melhor explica o

---

<sup>28</sup> Sobre, respectivamente, as vogais pretônicas dos dialetos do Estado do Rio Grande do Sul, da cidade capixaba de Nova Venécia e da região metropolitana de Belo Horizonte (MG).

alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ em nomes, sendo a harmonização um processo que tende a favorecer, em alguns casos, o alçamento.<sup>29</sup>

No entanto, como já citado, há certa lacuna de estudos no que tange à atuação dessas regras em relação ao alçamento das vogais pretônicas especificamente dos *verbos* em diferentes dialetos do PB. O único trabalho que descreve o comportamento das vogais pretônicas dos *verbos* a que se teve acesso durante a realização desta pesquisa é o artigo de Collischonn e Schwindt (2004), que trata do comportamento dessas vogais nos dialetos das três capitais do Sul do país: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Os autores analisam o comportamento apenas da vogal pretônica /e/ em relação ao alçamento e ao processo de harmonização vocálica. Assim, recortam seu estudo a casos em que o vocábulo em que a pretônica-alvo está inserida apresenta uma vogal alta (mais especificamente, apenas a vogal /i/) na sílaba seguinte à da pretônica ou depois, como em *precisa* e *legalizar*. Dessa forma, por não se tratar de seu foco de análise, não consideram variáveis relacionadas à redução vocálica. As variáveis lingüísticas cujos resultados são apresentados pelos autores são: (i) *conjugação*; e (ii) *localização do gatilho*.

Quanto à variável *conjugação*, os autores afirmam que os resultados obtidos nos dialetos de Porto Alegre e Florianópolis mostram que há correlação entre a conjugação verbal e o alçamento da vogal /e/.<sup>30</sup> De acordo com os autores, nesses dois dialetos, o fator 3ª *conjugação* é o que mais favorece o alçamento, o que já era esperado pelos autores, por se tratar da conjugação que apresenta maior possibilidade de contextos para a harmonização (além de apresentar vogal temática /i/, em muitos casos, a pretônica-alvo é a vogal do radical

---

<sup>29</sup> Na seção 3.2. desta dissertação, os resultados gerais obtidos na presente pesquisa sobre vogais médias pretônicas dos *verbos* na fala culta do interior paulista são comparados aos referentes a essas vogais em *nomes* na fala culta desse dialeto, obtidos por meio do trabalho de Silveira (2008).

<sup>30</sup> Para o dialeto de Curitiba, a variável *conjugação* não foi selecionada como relevante à aplicação do alçamento.

que, em outras formas do paradigma, apresenta-se como categoricamente alta, como em *v[ĩ]stir – visto*).

No que tange à variável *localização do gatilho*, selecionada para os três dialetos considerados, os autores observam que a localização *no tema verbal* da vogal alta é a que mais favorece o alçamento. Como os dados que constituem esse fator são todos de verbos de 3ª conjugação (vogal temática /i/), esse resultado, segundo os autores, já era previsto, a partir da variável *conjugação*.

Os resultados de Collischonn e Schwindt (2004) mostram a relevância de os estudos sobre vogais médias pretônicas dos verbos considerarem variáveis relacionadas a certas especificidades dessa classe gramatical.

Assim, no presente trabalho, são consideradas variáveis independentes lingüísticas relacionadas aos processos de *harmonização vocálica*, de *redução vocálica* e a *informações morfológicas*. Além disso, é considerada, também, uma variável independente de natureza extralingüística (social). Essas variáveis são, nas subseções seguintes, apresentadas e descritas.

### **2.3.1. Variáveis independentes lingüísticas**

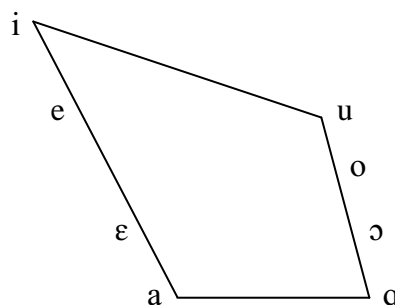
São consideradas, nesta pesquisa, as seguintes variáveis lingüísticas: (i) *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*; (ii) *tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*; (iii) *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*; (iv) *ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*; (v) *ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo*; (vi) *modo de*

*articulação da consoante precedente à pretônica-alvo; (vii) modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo; (viii) estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre; (ix) conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre; e (x) tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre.*

### **2.3.1.1. Altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo**

Por meio dessa variável, observa-se se a vogal presente na sílaba seguinte é alta anterior, como em *par[i]cia*; alta posterior, como em *pr[u]cura*; média-alta, como em *qu[e]rer* e *s[o]brou*; média-baixa, como em *ac[o]ntecem* e *c[o]loco*; ou baixa, como em *pr[e]parar*. Busca-se, com essa variável, verificar se a presença de uma vogal alta favorece a realização do alçamento das vogais pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista, já que essa vogal atua como gatilho na aplicação do processo de harmonização vocálica.

Cabe ressaltar que se considera, neste estudo, a distinção entre anterior e posterior para as vogais altas com base em trabalhos como o de Bisol (1981) e o de Celia (2004), que mostram que as vogais /i/ e /u/ podem atuar diferentemente quando gatilhos à aplicação da harmonização vocálica, já que a vogal anterior /i/ é mais alta do que a posterior /u/, conforme mostra o diagrama 5 (JONES, 1957, *apud* BISOL, 1981, p. 114), que apresenta o grau de altura da língua na cavidade bucal durante a emissão de cada vogal:

**Diagrama 5.** Vogais cardinais

### 2.3.1.2. Tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo

Considera-se, também, a tonicidade da vogal presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, que pode ser tônica, como em *apr[e]nder*, ou átona, como em *g[o]staria*. Espera-se que essa variável, por si só, não exerça qualquer tipo de influência a favor ou contra a realização do alçamento. A justificativa para tê-la como variável está no fato de poder ser cruzada com a variável *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, por meio do programa CROS3000 e, assim, apontar se há diferentes influências para a aplicação do alçamento por parte da vogal alta quando **tônica** e/ou quando **átona**. Com isso, busca-se trazer, para as vogais médias pretônicas dos verbos no dialeto do interior paulista, a discussão de Câmara Jr. (2007) e de Bisol (1981) sobre em que medida a tonicidade da vogal alta é relevante para a aplicação da harmonização vocálica e, conseqüentemente, do alçamento.

### 2.3.1.3. *Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*

Em relação a essa variável, observa-se, nos casos em que há vogal alta em sílaba posterior à da pretônica-alvo (e desde que a vogal alta não seja um *glide*): (i) se a vogal alta está presente em sílaba adjacente à da pretônica-alvo, como em *ass[o]cia*; (ii) se há uma sílaba entre as sílabas das duas vogais, como em *c[o]ntam<sup>ine</sup>*; ou (iii) se há duas sílabas entre elas, como em *imp[e]rmeabilizar*.

Apesar de ser consenso, na literatura sobre o tema, que a harmonização vocálica consiste em um processo fonológico que não dá saltos (cf. BISOL, 1981), ocorrendo somente quando a vogal alta está presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, considera-se a variável *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo* para averiguar, no dialeto estudado, a atuação da relação de contigüidade entre a pretônica-alvo e a vogal que funciona como gatilho na aplicação da harmonização vocálica.

### 2.3.1.4. *Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*

É observado, também, o *ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*. As consoantes foram classificadas como: (i) *labial*, como em *m[o]rava*; (ii) *coronal*, como em *t[e]ntar*; e (iii) *dorsal*, como em *c[o]lou*. Optou-se por essa classificação por ser a utilizada na representação dos Pontos de C (e dos Pontos de V) no modelo da Geometria de Traços, como já apresentado na seção 1.3. desta dissertação. Com a consideração dessa variável e das três variáveis apresentadas a seguir, objetiva-se analisar a influência que o processo de redução vocálica exerce na aplicação do alçamento.



### **2.3.1.5. Ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo**

Assim como no que diz respeito à consoante precedente à pretônica-alvo, observa-se, em relação à consoante seguinte a essa vogal, seu ponto de articulação, classificado como: (i) *labial*, como em *espr[i]mia*; (ii) *coronal*, como em *c[o]loca*; e (iii) *dorsal*, como em *s[o]corria*.

### **2.3.1.6. Modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo**

Em relação ao modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo, as consoantes foram classificadas como: (i) *oclusiva*, como em *d[e]vemos*; (ii) *fricativa*, como em *s[o]frer*; (iii) *nasal*, como em *m[o]tiva*; (iv) *lateral*, como em *l[e]vanto*; e (v) *tepe*, como em *pr[o]var*.

### **2.3.1.7. Modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo**

No que tange ao modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo, da mesma maneira como em relação ao modo de articulação da consoante precedente, as consoantes foram classificadas como: (i) *oclusiva*, como em *d[o]brar*; (ii) *fricativa*, como em

*l[e]vasse*; (iii) *nasal*, como em *c[o]ntar*; (iv) *lateral*, como em *esfar[e]lando*; e (v) *tepe*, como em *b[o]rdei*.<sup>31</sup>

\* \* \*

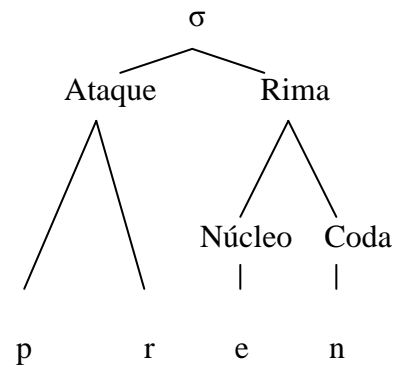
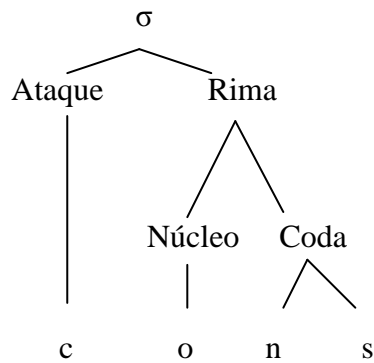
Por serem considerados o modo e o ponto de articulação das consoantes adjacentes à vogal-alvo, deixa-se claro que, neste trabalho, levanta-se a hipótese de o alçamento poder ser desencadeado não somente por harmonização vocálica, mas também pelo processo de redução, com a influência das consoantes adjacentes à pretônica-alvo, como tem sido encontrado em trabalhos como o de Bisol (1981) e o de Celia (2004).

### **2.3.1.8. Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre**

Nesta pesquisa, considera-se a noção de sílaba proposta por Collischonn (1999) para o português, baseada em considerações de Selkirk (1982). De acordo com a autora, a sílaba é constituída, geralmente, por um ataque e, necessariamente, por uma rima, ambos podendo ser ramificados. A rima consiste em um núcleo e, quando ramificada, em uma coda. A única categoria que não pode ser vazia é o núcleo, resultando daí o fato de toda sílaba necessariamente conter uma rima. Desse modo, nos vocábulos *apr[e]nder* e *c[o]nstituir*, pode-se representar as sílabas destacadas como, respectivamente, nos diagramas 6 e 7 apresentados a seguir.

---

<sup>31</sup> Na variedade do interior paulista, percebe-se variação nas realizações da vibrante em coda, podendo ser realizado como *tepe*, *tepe retroflexo*, *aproximante* e *aproximante retroflexa*. Decidiu-se, no presente trabalho, unificar todas essas variantes como *tepe*.

**Diagrama 6.** Exemplo de representação da sílaba *pre*n**Diagrama 7.** Exemplo de representação da sílaba *cons*

Foram consideradas, na presente pesquisa, apenas as estruturas que ocorreram nos dados, a saber:

- (i) *ataque + rima (núcleo)*, como em *p[o]demos*;
- (ii) *ataque + rima (núcleo + coda nasal)*, como em *c[o]njudar*;
- (iii) *ataque + rima (núcleo + coda sem ser nasal)*, como em *r[e]sgatar*;
- (iv) *ataque complexo + rima (núcleo)*, como em *pr[o]var*;
- (v) *ataque complexo + rima (núcleo + coda nasal)*, como em *enfr[e]ntei*;

- (vi) *ataque complexo + rima (núcleo + coda sem ser nasal)*<sup>32</sup>, como em *empr[e]staram*; e
- (vii) *ataque + rima complexa (núcleo + coda complexa)*<sup>33</sup>, como em *c[o]nstruir*.

Um dos resultados que se procura encontrar, por meio dessa variável, é se a estrutura da sílaba com coda apresenta comportamento diferente de sílaba sem coda, na influência para a realização ou não do alçamento. Outro exemplo de resultado que se objetiva encontrar é se há diferença de comportamento entre sílabas com coda nasal e sílabas com coda não-nasal na influência da aplicação do processo. A hipótese é que a presença de coda nasal atue de modo a favorecer apenas o alçamento da vogal coronal [e], pois, conforme afirma Bisol (1981), no processo de nasalização, a vogal /e/ nasalizada se torna relativamente mais alta do que [e], indo na direção da vogal [i],<sup>34</sup> enquanto a vogal /o/ nasalizada se distancia de /u/ e se aproxima da área da vogal baixa.

### **2.3.1.9. Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre**

Em relação a essa variável, os verbos em que as pretônicas ocorrem foram classificados de acordo com a conjugação a que pertencem: (i) 1ª conjugação, como em *l[e]var* e *ef[e]tuava*; (ii) 2ª conjugação, como em *estab[e]l[e]cer* e *r[e]sp[o]ndia*; e (iii) 3ª conjugação, como em *pr[e]f[i]rir* e *d[u]rmiu*. Com isso, objetiva-se saber em que medida a vogal temática dos verbos influencia a aplicação ou não do processo de alçamento, uma vez que há diferença de altura entre essas vogais e, além disso, estabelecem-se paradigmas distintos para cada conjugação, o que será relevante para a distribuição dos morfemas verbais

<sup>32</sup> Estrutura encontrada apenas em pretônicas /e/.

<sup>33</sup> Estrutura encontrada apenas em pretônicas /o/.

<sup>34</sup> De acordo com a autora, isso se dá por um aumento de frequência dos formantes 2 e 3.

com vogal alta (por exemplo, verbos de 2<sup>a</sup> e de 3<sup>a</sup> conjugação apresentam, no pretérito imperfeito, o sufixo com vogal alta /-ia/, como em *par[i]cia* – 2<sup>a</sup> conjugação – e *c[u]bria* – 3<sup>a</sup> conjugação –, enquanto verbos de 1<sup>a</sup> conjugação apresentam o sufixo /-va/, como em *carr[e]gava*). Especificamente sobre a terceira conjugação, em alguns casos, como já apresentado, a pretônica-alvo, em outras formas do paradigma, apresenta-se como categoricamente alta, como em *s[e]rvir* – *sirvo*, *sirva*, *sirvas*, etc. Acredita-se que a aplicação do alçamento em verbos de terceira conjugação possa ser favorecida por essa informação.

#### **2.3.1.10. Tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre**

São observados os sufixos: (i) *número-pessoal* /-i/, como em *d[e]sci*; (ii) *modo-temporal* /-ia/, como em *c[o]rria*; e (iii) *modo-temporal* /-ria/, como em *d[e]v[e]ria*. Em seu estudo sobre as vogais médias pretônicas dos verbos nas variedades das capitais da região Sul do Brasil, Collischonn e Schwindt (2004) constatam que, mesmo com o fato de apresentarem, em comum, a presença de uma vogal alta, esses sufixos não têm comportamentos semelhantes em relação à aplicação do alçamento. Deseja-se, no presente trabalho, observar se isso também é verificado no que diz respeito às vogais médias pretônicas dos verbos no dialeto do interior paulista.

\* \* \*

Por meio das variáveis escolhidas e justificadas, fundamenta-se que a hipótese acerca dos fatores que atuam no alçamento é que não só aspectos fonológicos sejam relevantes para a

aplicação do alçamento das vogais médias pretônicas dos verbos, como também aspectos morfológicos.

Além das variáveis lingüísticas apresentadas, é considerada, também, uma variável social, conforme se passa a tratar agora.

### 2.3.2. Variáveis independentes sociais

Na pesquisa relatada neste trabalho, como já citado, foi considerada apenas a *faixa etária* como variável social. Foram escolhidos apenas um *sexo/gênero* (feminino) e um *grau de escolaridade* (Ensino Superior) e excluída a variável *renda familiar*, resultando, assim, na análise de 16 inquéritos do banco de dados IBORUNA. Essas escolhas podem ser justificadas pelos seguintes fatores:

- no que diz respeito à escolha do *sexo/gênero feminino*, deve-se destacar que os comprimentos dos tratos vocais de homens e de mulheres são diferentes, fazendo com que também sejam diferentes os valores numéricos dos formantes. Assim, do ponto de vista acústico, as vogais produzidas por homens e por mulheres, se observadas em um mesmo trabalho, deveriam ser analisadas separada e cuidadosamente. A análise acústica para uma padronização e posterior comparação desses formantes demandaria uma grande quantidade de tempo e se voltaria a algo que foge aos propósitos principais desta pesquisa;
- em relação à *escolaridade*, optou-se por limitar a análise das vogais médias pretônicas presentes na *fala culta* da variedade do interior paulista, para uma maior

exequibilidade do trabalho. A consideração dessa variável é deixada para futuras pesquisas. Faz-se necessário observar que não é ponto pacífico na literatura a definição do que seja *fala/norma culta*. Por esse termo, neste trabalho, entende-se a variedade falada por informantes que tenham **nível de escolaridade superior**. Cabe lembrar que são utilizadas amostras de fala espontânea desses informantes e, assim, não se relaciona, nesta dissertação, o termo *fala culta* a um registro formal de fala;

- no que tange à exclusão da variável *renda familiar*, isso se deve ao fato de, ainda no âmbito do Projeto ALIP, essa variável já ter sido “afrouxada” ou, até mesmo, desprezada, o que se deu pela dificuldade de localização de informantes com certos perfis sociais (cf. GONÇALVES, 2007).

Desse modo, como já citado, tem-se apenas a *faixa etária* como variável social. São consideradas quatro faixas etárias, sendo elas: (i) de 16 a 25 anos; (ii) de 26 a 35 anos; (iii) de 36 a 55 anos; e (iv) acima de 56 anos. Assim, em relação às faixas etárias que compõem o banco de dados IBORUNA, foi excluída apenas uma: a que diz respeito a informantes de 7 a 15 anos. Isso se deve ao motivo evidente de que não há informantes dessa faixa etária que já tenham concluído ou que estejam cursando o nível Superior, único grau de escolaridade considerado neste trabalho. Considera-se, também, o fato de que, a partir dos 16 anos, a aquisição da linguagem já tenha se encerrado e, dessa forma, os falantes com idade igual ou superior a 16 anos podem ser tomados como informantes representativos de uma variedade lingüística.

Espera-se que a variável *faixa etária* seja significativa para mostrar se há ou não diferentes manifestações das vogais médias pretônicas dos verbos de acordo com a idade do informante.

## 2.4. Passos metodológicos

Após a seleção dos inquéritos para a delimitação do *corpus* da pesquisa apresentada neste trabalho, o que resultou em dezesseis inquéritos do banco de dados IBORUNA, o primeiro passo foi a extração de cada ocorrência da variável, a partir das transcrições ortográficas dos inquéritos, com a notação dos fatores investigados a partir da identificação da vogal média pretônica-alvo.

Cabe salientar que esta pesquisa limita seu estudo a vogais pretônicas **internas**. Assim, são desconsiderados, da análise quantitativa, os casos de pretônicas presentes nos seguintes contextos: (i) hiato; (ii) ditongo; (iii) início de vocábulo; e (iv) prefixo. Essa exclusão se dá pelos motivos apresentados a seguir:

### i. Pretônicas em hiato

A maioria das vogais presentes nesse contexto sofre o processo de alçamento, especialmente quando seguidas de /a/ tônico, contexto que Câmara Jr. (2007) destaca por, nele, haver muitos casos de alçamento, como em *rod[i]ando*, *v[u]ando*, *pass[i]ar*, *bob[i]asse*, *folh[i]ar*, *entrem[i]ando* e *sort[i]ava*. Opta-se por não considerar vogais pretônicas presentes em hiato nesta pesquisa pelo fato de que suas altas porcentagens de ocorrência de alçamento podem enviesar os resultados quantitativos sobre a aplicação do processo, que, com base na literatura existente sobre o tema, tendem a constituir pequenas porcentagens.



## ii. Pretônicas presentes em ditongo

Quando em ditongos, as vogais pretônicas médias são seguidas por semivogais, as quais não têm as mesmas propriedades de vogais “plenas”, e, por isso, não podem ser analisadas como favorecedoras ou não da harmonização vocálica em variáveis da mesma forma que as demais são investigadas neste trabalho. Cabe destacar também que, em alguns contextos de ditongos, é encontrado outro processo fonológico: a *monotongação*, por meio do qual a semivogal do ditongo é apagada, como em *d[e]xar*, *est[o]rou* e *r[o]baram*.

## iii. Pretônicas que iniciam o vocábulo

As vogais em início de vocábulo são desconsideradas com base na afirmação de Bisol (1981) de que os princípios regentes do alçamento de uma vogal inicial não são os mesmos daqueles que elevam uma vogal pretônica interna, justificando-se um estudo específico para o contexto da vogal inicial, que leve em conta, por exemplo, os princípios da Fonologia Prosódica. Há diferenças, por exemplo, no comportamento de /o/ e de /e/. No que diz respeito à pretônica /o/ em início de vocábulo, não foi observado nenhum caso de alçamento, como em *[o]bserva*, *[o]deio*, *[o]lhei*, *[o]perar* e *[o]rganizando*. Nesta pesquisa, observa-se que as vogais pretônicas /e/ que iniciam vocábulos sofrem, com grande frequência, o processo de alçamento, propiciando realizações como *[i]studar*, *[i]scolheu*, *[i]spremendo*, *[i]stragou*, *[i]mpurrar* e *[i]ngano*. Naro (1973, *apud* BISOL, 1991) afirma que o silêncio à esquerda favorece o alçamento de /e/ quando esta vogal é seguida de /N/ ou de /S/. Por outro lado, como no trabalho de Bisol (1981), nesta pesquisa, também são encontradas realizações em que o alçamento não ocorre, como em: *[e]stivessem*, *[e]ntrar* e *[e]ncheram*.

#### iv. Pretônicas presentes em prefixo

Collischonn (2006) afirma que não há harmonização entre a vogal do prefixo e a vogal alta da palavra, como, por exemplo, em *ex-tira*, pronunciado [es]tira ~ [eis]tira<sup>35</sup>. Entre o prefixo que mantém as características semânticas do vocábulo original<sup>36</sup> e o restante do vocábulo, há uma fronteira de palavras, a qual, segundo a autora, a harmonização vocálica não atravessa. Nesta pesquisa, isso pode ser comprovado pela ocorrência de vocábulos como *c[o]nviveu*, *c[o]nvivi*, *pr[e]visto* e *r[e]unir*, pois não ocorre o alçamento das pretônicas.

Por outro lado, também há muitos vocábulos que apresentam o prefixo /des-/, que, na maioria dos casos, tem sua vogal alçada, como em *d[i]sinfetar*, ou elidida, como em *dsliga*. Em formas como *d[i]sapareceu* e *d[i]samassando*, o alçamento ocorre no prefixo /des-/ mesmo com a ausência de vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica presente no prefixo.

Desse modo, por essa situação particular de o alçamento ser bloqueado em certos prefixos, enquanto, em outros, o processo ocorrer com grande frequência, e, também, por haver, em muitos casos, a elisão da pretônica /e/ nos prefixos /des-/, decidiu-se excluir da análise quantitativa as vogais pretônicas presentes em prefixos. O estudo desses casos é deixado para futuras pesquisas.

\* \* \*

O segundo passo foi realizar a transcrição fonética de base perceptual, momento em que se pôde observar e anotar os casos de realização ou não do alçamento. Embora, a princípio, houvesse um interesse em se realizar, com a ajuda do programa PRAAT, uma

<sup>35</sup> Ditongação característica de fim de palavra com sílaba tônica travada por /s/, como em *rapaz*, pronunciado *ra[ʃ]pays*.

<sup>36</sup> Bisol (1981) contrapõe esses prefixos àqueles que se integram totalmente ao vocábulo a que se unem. Da formação de muitos deles, segundo a autora, os falantes não se lembram, como, por exemplo, o prefixo /re-/ em *receber* e *retribuir*. Na presente pesquisa, esse contexto não foi excluído.

transcrição fonética também de base acústica, percebeu-se que isso não é pertinente, nem possível, tendo em vista: (i) a grande quantidade de dados encontrados, que superaram as primeiras expectativas; e, principalmente, (ii) o fato de, apesar de todas as qualidades do material que compõe o banco de dados IBORUNA, ter-se verificado que não há uma qualidade boa o suficiente para a realização de análises acústicas.

Por fim, o último passo consistiu na quantificação dos dados, por meio de programas do pacote estatístico VARBRUL. Várias rodadas foram feitas. Os resultados são descritos e analisados no próximo capítulo.

## 2.5. Resumo

Este capítulo iniciou-se com uma descrição da comunidade de fala referente à região do noroeste paulista. Foram abordados aspectos geográficos, históricos e sócio-econômicos da região, com destaque ao município de São José do Rio Preto, sede da região administrativa que leva o nome da cidade e que abrange outros 96 municípios do interior do Estado.

Em seguida, foram apresentadas características do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP (Proc. FAPESP 03/08058-6), desenvolvido no IBILCE/UNESP. Desse banco de dados, é proveniente o *corpus* utilizado na presente pesquisa. A seleção de inquéritos para a constituição do *corpus* deste trabalho também foi descrita no presente capítulo.

Tratou-se, também, das variáveis consideradas nesta pesquisa. No que tange às variáveis independentes, dez são de natureza lingüística e uma é de natureza social (*faixa etária*).

Por fim, discorreu-se sobre os passos metodológicos utilizados nesta pesquisa, como a apresentação e a justificativa para os contextos excluídos da análise dos dados, a qual passa, agora, a ser apresentada.

# CAPÍTULO 3

## DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

---

Neste capítulo, são descritos os resultados obtidos por meio da análise quantitativa realizada com base nos programas do pacote estatístico VARBRUL, bem como são feitas as análises qualitativas dos processos fonológicos identificados.

O presente capítulo está organizado do seguinte modo: no item 3.1., são apresentados os resultados estatísticos que embasam a análise quantitativa de natureza variacionista: no subitem 3.1.1., são descritas as variáveis selecionadas e não-selecionadas pelo VARBRUL como relevantes à aplicação de alçamento; em 3.1.2., apresentam-se os resultados referentes às variáveis relacionadas à harmonização vocálica; em 3.1.3., têm-se os resultados acerca das variáveis relacionadas ao processo de redução; na subseção 3.1.4., encontram-se os resultados relacionados à estrutura da sílaba; e, em 3.1.5., apresentam-se os resultados acerca da faixa etária. Na seção 3.2., é feita uma comparação entre os comportamentos das vogais médias pretônicas dos verbos e dos nomes na fala culta do interior paulista. Finalmente, em 3.3, é feito um resumo dos principais resultados discutidos ao longo do capítulo.

Cabe ressaltar que, devido ao fato de os fatores que influenciam o alçamento da vogal /e/ serem diferentes daqueles que influenciam a realização do processo em /o/, os resultados, para essas duas vogais, são apresentados e discutidos separadamente, no decorrer de cada seção.

### 3.1. Análise variacionista

A partir do levantamento de dados, foram encontradas 2455 ocorrências de vogais pretônicas /e/ e 2147 de /o/. Deve-se considerar que esses números correspondem a cada ocorrência de vogal média pretônica encontrada. Assim, por exemplo, no vocábulo *r[e]c[e]ber*, tem-se duas ocorrências de pretônica /e/, e, como esse item lexical aparece cinco vezes no *corpus*, são contabilizadas, então, dez ocorrências diferentes de pretônicas /e/.

Analisando os vocábulos encontrados (cf. Anexo 2), verifica-se que há itens lexicais cujas vogais pretônicas não são alçadas em nenhuma ocorrência, como ocorre, por exemplo, nos seis casos de *pr[e]star* e nas vinte e cinco ocorrências de *v[o]ltou*. Observam-se, também, vocábulos em que o alçamento da vogal pretônica mostra-se categórico, como, por exemplo, em *p[u]dia*, em que houve a realização do processo de alçamento da pretônica /o/ em todas as vinte e sete ocorrências do vocábulo. Há, ainda, vocábulos cuja(s) pretônica(s) é(são) ora alçada(s), ora não alçada(s), como em: *pr[e]cisou ~ pr[i]cisou* e *c[o]nversava ~ c[u]nversava*.

Foram transcritas todas as 2455 ocorrências de vogais pretônicas /e/ e 2147 de /o/ e identificadas as aplicações ou não do alçamento, de modo que se obtiveram os seguintes resultados:

**Tabela 1.** Tabela geral da aplicação ou não do alçamento

	Sem alçamento	Com alçamento	Total
Pretônica /e/	2065 (84%)	390 (16%)	<b>2455 (100%)</b>
Pretônica /o/	1928 (90%)	219 (10%)	<b>2147 (100%)</b>

Por meio dessa tabela, verifica-se que os casos em que não há alçamento, tanto em relação à vogal /e/ (84%), quanto à /o/ (90%), são bem mais numerosos do que os casos em que o processo ocorre (16% para /e/ e 10% para /o/). Assim, percebe-se que é relativamente baixa a aplicação do processo.<sup>37</sup> Além disso, observa-se, também, que a frequência de alçamento é maior para a vogal /e/ do que para a /o/.

Passa-se, nas próximas subseções, a tratar dos resultados quantitativos para as variáveis controladas.

### **3.1.1. A seleção das variáveis pelo VARBRUL**

É apresentada, nesta seção, a ordem de seleção das variáveis investigadas de modo a se explicar a diferença de seleção para /e/ e para /o/, incluindo as variáveis não selecionadas para cada vogal pretônica. Observa-se, a seguir, um quadro com os resultados.

---

<sup>37</sup> Cabe lembrar que são estudadas, nesta pesquisa, apenas amostras de fala de informantes que estavam cursando ou já haviam concluído o Ensino Superior. Acredita-se que, se estudadas amostras de informantes de outros níveis de escolaridade, talvez possa haver uma maior aplicação do alçamento.

**Quadro 7.** Variáveis selecionadas pelo programa estatístico

Variável independente	Variável dependente	
	/e/	/o/
<i>Altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	1 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>
<i>Tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	não selecionada	não selecionada
<i>Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo</i>	não selecionada	8 <sup>a</sup>
<i>Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i>	4 <sup>a</sup>	6 <sup>a</sup>
<i>Ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo</i>	7 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>
<i>Modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i>	6 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>
<i>Modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo</i>	8 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>
<i>Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre</i>	5 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>
<i>Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre</i>	3 <sup>a</sup>	não selecionada
<i>Tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre</i>	2 <sup>a</sup>	7 <sup>a</sup>
<i>Faixa etária</i>	9 <sup>a</sup>	não selecionada

No quadro anterior, pode-se destacar o fato de a variável *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* ter sido selecionada, tanto para /e/, quanto para /o/, como a mais relevante à aplicação do alçamento. Dessa forma, observa-se que a relação entre a vogal pretônica-alvo e a vogal presente na sílaba seguinte exerce grande influência na aplicação do alçamento, o que evidencia a importância do processo de harmonização vocálica para o alçamento das vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista.

Especificamente para a vogal /e/, tal informação é corroborada pelo fato de as variáveis *tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre* e *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre* terem sido selecionadas como, respectivamente, a segunda e terceira mais relevantes para a aplicação do alçamento.



Para a pretônica /o/, a influência das consoantes adjacentes parece ser maior do que para /e/, quando se observa a ordem das variáveis selecionadas pelo programa estatístico. Na segunda posição, tem-se a variável *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*, seguida pelas variáveis *modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo*, *modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*, *ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo* e *ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*. Tal fato mostra que o processo de redução vocálica parece ser mais atuante no alçamento da pretônica /o/ do que no de /e/.

Quanto às variáveis que não foram selecionadas pelo programa VARB2000 como relevantes à aplicação do alçamento, verifica-se que, no que tange ao alçamento da vogal /e/, têm-se a *tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* e a *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*. Já para a vogal /o/, têm-se a *faixa etária*, a *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre* e a *tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*.

Verifica-se, então, que, para as duas vogais, a *tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* não foi selecionada como relevante para a realização do alçamento. Pode-se dizer que isso já era esperado, tendo em vista que (i) não há evidência alguma de o fato de a vogal presente na sílaba seguinte ser tônica, como em *ac[o]mpanho*, ou átona, como em *ac[o]mpanhou*, seja, por si só, favorecedor ou desfavorecedor da realização do alçamento, e (ii) como já afirmado no item 2.3.1.2., essa variável foi considerada apenas para ser cruzada, por meio do programa CROS3000, com a *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* e, assim, poder se observar se a presença de uma vogal alta **átona** na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como, por exemplo, em

*acr[e]dítarmos*, apresenta ou não a mesma influência que a presença de uma vogal alta **tônica** nesse mesmo contexto, como em *acr[i]díta*.

Apenas para a vogal /e/, a *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo* também não foi selecionada como relevante para a realização do alçamento. Ao serem considerados os pesos relativos, observa-se que são bastante próximos a .50 os dois valores obtidos, a saber, .51 e .43, respectivamente, para vogal alta presente na sílaba seguinte, como em *pr[i]firo*, e separada da sílaba da vogal pretônica-alvo por outra sílaba, como, por exemplo, em *pr[e]ferir*. Talvez esse resultado se deva à confluência da variável *tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre*, que, para /e/, foi apontada pelo VARBRUL como a segunda mais relevante para a aplicação do alçamento. Assim, a influência da vogal alta presente no sufixo /-i/ ou /-ia/ para o alçamento da pretônica-alvo /e/ é forte o suficiente para ultrapassar a distância de uma sílaba que, em certos casos, separa-a da sílaba em que a pretônica-alvo está inserida. Em termos de porcentagens, no entanto, percebe-se que, para a vogal /e/, quando há uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, o alçamento é mais freqüente (52%) do que quando há uma sílaba entre as sílabas da vogal alta e da pretônica-alvo (12%).

Para a vogal /o/, além da *tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, também não foi selecionada a variável *faixa etária*. As freqüências de aplicação do alçamento quando considerada essa variável foram: (i) 9% para a faixa etária entre 16 e 25 anos (PR .53); (ii) 8% para a faixa etária de 26 a 35 anos (PR .41); (iii) 13% para a faixa etária de 36 a 55 anos (PR .57); e (iv) 11% para a faixa etária superior a 56 anos (PR .54). Com exceção da faixa etária de 26 a 35 anos, que apresenta peso relativo de .41 e que, por si só, não serve para indicar uma possível mudança em progresso, verifica-se que não há diferença significativa entre os pesos relativos (.53, .57 e .54) das diferentes faixas etárias.

Assim, pode-se dizer que, para a vogal pretônica /o/, o fato de um informante pertencer a determinada faixa etária não exerce influência na realização do alçamento e, desse modo, há indícios de que o processo de alçamento da pretônica /o/ de verbos na fala culta da variedade do interior paulista possa se encontrar em variação estável. Para uma constatação mais geral desse resultado, seria necessária a consideração de outras variáveis sociais, como o *sexo/gênero* e a *escolaridade*, o que é deixada para futuras pesquisas.

Também não foi selecionada, para a pretônica /o/, a *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*. Mesmo com esse resultado, é interessante notar que, quando observados os pesos relativos em relação a essa variável, a ordem dos valores obtidos é semelhante àquela encontrada para a vogal /e/, como será apresentado na seção 3.1.2.: (i) a terceira conjugação é aquela que apresenta o maior peso relativo (.60) e a única que ultrapassa .50; (ii) para verbos de primeira conjugação, o peso relativo é o segundo maior (.49); e (iii) para verbos de segunda conjugação, o peso relativo obtido é o menor (.48). Desse modo, se essa variável fosse considerada relevante para a aplicação do processo, o fato de um verbo ser de terceira conjugação favoreceria o alçamento de /o/, como, de fato, acontece com a pretônica /e/.

Quanto às variáveis selecionadas pelo programa VARB2000 do pacote estatístico VARBRUL, seus resultados serão retomados e discutidos em diversos pontos dos próximos subitens, em que são apresentados as porcentagens e os pesos relativos dessas variáveis indicados pelo programa estatístico. A discussão das variáveis é organizada a partir dos processos fonológicos investigados.

### 3.1.2. Variáveis relacionadas à harmonização vocálica

Com o objetivo de verificar e explicar os fatores que correlacionam o alçamento das vogais médias pretônicas à harmonização vocálica, são consideradas variáveis que dizem respeito à relação entre pretônica-alvo e vogal alta. Uma dessas variáveis é a *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*. Os resultados para essa variável são expressos na tabela seguinte:

**Tabela 2.** Alçamento de /e/ e de /o/ em relação à altura da vogal presente na sílaba seguinte à sílaba da pretônica-alvo

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>Alta anterior</b>	55% (342/618)	.93	43% (112/258)	.90
<b>Alta posterior</b>	14% (8/57)	.84	21% (24/114)	.83
<b>Média</b>	3% (33/1144)	.32	7% (68/951)	.53
<b>Média-baixa</b>	2% (1/60)	.13	4% (7/198)	.46
<b>Baixa</b>	1% (6/576)	.22	1% (8/626)	.21
<b>Total</b>	<b>16% (390/2455)</b>		<b>10% (219/2147)</b>	
	Input: 0.06		Input: 0.07	
	Significância: 0.037		Significância: 0.001	

É possível se observar que, tanto para /e/, quanto para /o/, a presença de uma vogal alta **anterior** na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *cons[i]guir* e *desc[u]brindo*, é um fator altamente favorecedor da realização do processo de alçamento, com pesos relativos de .93 e .90, para /e/ e /o/, respectivamente.

Logo em seguida, tem-se a presença de uma vogal alta **posterior** na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *s[i]gurar* e *c[u]stumo*, como favorecedora da realização do processo, com pesos relativos de .84 e .83, respectivamente, para /e/ e para /o/.

Essa diferença de aplicação do alçamento relacionada ao fato de a vogal ser /i/ ou /u/ é esperada. No entanto, não eram esperados pesos relativos tão altos para /u/. Bisol (1981) afirma que, em relação à altura da língua no momento da emissão de cada vogal, /u/ não se distancia tanto de /e/ quanto /i/ o faz (cf. diagrama 5 da presente dissertação). Segundo a autora, isso se justifica pelo fato de, na cavidade bucal, o espaço para a emissão das vogais anteriores ser maior do que o espaço para a emissão das posteriores e, assim, a vogal /i/ é mais alta do que /u/. Desse modo, a vogal /u/ não influencia muito o alçamento da vogal /e/ para /i/, já que “convertê-la em /i/ seria provocar uma articulação mais alta que a própria” (BISOL, 1981, p. 114).

Levando em conta essas considerações de Bisol (1981), passa-se a analisar as ocorrências nos dados desta pesquisa, a fim de buscar uma explicação para o fato de a presença de vogal /u/ na sílaba seguinte à da pretônica-alvo ter sido altamente favorecedora não só da realização do alçamento de /o/ (PR .83), como também – e com maior peso relativo (.84) – da aplicação do processo em /e/.

Das 57 ocorrências de pretônica /e/ que apresentavam, na sílaba seguinte, vogal alta posterior, 8 alçaram, sendo elas: *des[i]strutura* (1 ocorrência), *p[i]ndurar* (2 ocorrências), *p[i]ndurava* (1 ocorrência), *s[i]gurar* (2 ocorrências) e *s[i]gurei* (2 ocorrências). Esses vocábulos, em termos de itens lexicais, podem ser organizados como pertencentes a três grupos: *desestrutura*, *pendurar/pendurava* e *segurar/segurei*. A realização do alçamento nesses vocábulos pode resultar da confluência de outros fatores considerados favoráveis à aplicação do processo. No caso de *des[i]strutura*, a vogal pode ter alçado por uma memória da palavra primitiva *estrutura*. Como já apresentado, o alçamento é bastante recorrente quando a vogal pretônica /e/ se dá em início de vocábulo. Já nos vocábulos dos paradigmas de *pendurar* e de *segurar*, o alçamento pode ter ocorrido pela influência de um segmento

consonantal adjacente à pretônica-alvo. Nos casos de *p[i]ndurar* e *p[i]ndurava*, há a consoante oclusiva /p/. Já em *s[i]gurar* e *s[i]gurei*, a pretônica é antecedida pela fricativa /s/. Como será visto mais adiante, esses modos de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo foram dados, pelo VARBRUL, como favorecedores da realização do alçamento.

Comparando /i/ e /u/ como vogais que exercem influência na aplicação do alçamento, pode-se observar, com os resultados obtidos, que a vogal alta /i/ exerce maior influência para a realização do alçamento do que a vogal alta /u/, tanto para a vogal média /e/, quanto para a /o/. Assim, pode-se dizer que, no caso da vogal /e/, o alçamento se dá, sobretudo, nos contextos denominados *homorgânicos* (BISOL, 1981), ou seja, quando a vogal média **anterior** é seguida de sílaba que apresenta vogal alta também **anterior**, como em *cons[i]guiram* e *qu[i]riam*. Já para a vogal /o/, o alçamento ocorre, principalmente, em contextos *não-homorgânicos*, em que, na sílaba seguinte à da pretônica média **posterior**, encontra-se uma vogal alta **anterior**, como ocorre em *desc[u]brir* e *m[u]rri*.

No que diz respeito à influência de vogais médias e baixa na realização do alçamento, para /e/, a presença de uma vogal média (PR .32), como em *ap[e]guei*, média-baixa (PR .13), como em *desob[e]dece*, ou baixa (PR .22), como em *l[e]vado*, consiste em um fator desfavorecedor da realização do alçamento. Para /o/, a presença de uma vogal média é um fator levemente favorecedor da realização do processo (PR .53), como em *p[u]der*, enquanto a presença de uma vogal média-baixa (PR .46), como em *inc[o]moda*, ou de uma vogal baixa (PR .21), como em *expl[o]rado*, desfavorece a aplicação da regra.

Vale retomar que, tanto para /e/, quanto para /o/, a variável *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* foi selecionada como a mais relevante para a aplicação da regra. Dado esse fato e os pesos relativos apresentados, verifica-se, para a

realização do alçamento nas vogais pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista, a grande importância da presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, o que dá subsídios para a aplicação da harmonização vocálica.

De acordo com Câmara Jr. (2007, p. 44), esse processo ocorre quando a vogal média pretônica está diante de /i/ ou /u/ presente em sílaba **tônica**: “no registro informal do dialeto carioca, as oposições [...] entre /o/ e /u/, de um lado, e, de outro lado, entre /e/ e /i/ ficam prejudicadas pela tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica”. Por sua vez, Bisol (1981), em seu estudo sobre vogais pretônicas no dialeto gaúcho, afirma que a tonicidade é um fator relevante, mas não determinante para a realização do alçamento.

Portanto, a fim de observar, no que diz respeito à variedade do interior paulista, a importância da tonicidade da vogal alta como favorecedora do processo de harmonização vocálica nas vogais pretônicas dos verbos, cruzou-se a variável *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* com a variável *tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, obtendo-se os seguintes resultados:

**Tabela 3.** Frequências de alçamento de /e/ e de /o/ em relação à tonicidade e à posição ântero-posterior da vogal alta

	Pretônica /e/	Pretônica /o/
<b>Alta anterior tônica</b>	62% (307/493)	60% (96/161)
<b>Alta anterior átona</b>	28% (35/125)	16% (16/97)
<b>Alta posterior tônica</b>	0% (0/7)	31% (17/54)
<b>Alta posterior átona</b>	16% (8/50)	12% (7/60)

Pode-se observar que o único contexto em que o número de pretônicas alçadas superou o de não-alçadas é aquele em que há uma vogal **alta anterior tônica** (62% de

alçamento para /e/ e 60% para /o/), como em *p[i]dindo* e *d[u]rmimos*. Já no caso da vogal **alta anterior átona** na sílaba seguinte à da pretônica, como em *acr[i]ditar* e *c[u]zinhos*, mesmo se tratando ainda de vogal **alta**, as porcentagens de alçamento foram muito menores (28% e 16%, para /e/ e /o/, respectivamente).

Dados esses resultados, verifica-se que, ao encontro do que afirma Bisol (1981), para as vogais pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista, a tonicidade da vogal /i/ da sílaba subsequente é um fator relevante para haver o alçamento, porém, não se trata de um contexto determinante para a realização do processo, tendo em vista que: (i) há casos de não-alçamento nesse contexto, como em *ad[e]riu* e *res[o]lvi*; e (ii) há casos de alçamento quando há vogal alta **átona** na sílaba seguinte, como em *pr[i]cisavam* e *c[u]zinhando*.

Quando se observa o comportamento da vogal posterior /u/ influenciando a aplicação ou não do alçamento em pretônicas, verifica-se que, independentemente da sua tonicidade, os casos de alçamento, tanto para /e/ (0% para /u/ tônica e 16% para /u/ átona), quanto para /o/ (31% para /u/ tônica e 12% para /u/ átona), são relativamente baixos. No entanto, cabe destacar que a maior porcentagem de alçamento (31%) se dá quando a vogal alta posterior /u/ é **tônica** e a pretônica também é posterior (/o/), como em *pr[u]cura*. Verifica-se, então, que, como ocorre em pretônicas seguidas de vogal alta anterior, nas seguidas de vogal alta posterior, a tonicidade da vogal alta também é relevante para a realização do alçamento.<sup>38</sup> No entanto, como já afirmado para a vogal /i/, observa-se que, embora relevante, o fato de a vogal /u/ ser tônica não é determinante para a realização do alçamento, o que corrobora, novamente, a afirmação de Bisol (1981) de que a tonicidade da vogal alta não é um requisito para a aplicação da regra.

---

<sup>38</sup> Embora tenha havido 0% de alçamento de /e/ seguido de vogal alta posterior tônica, o que poderia refutar essa afirmação, cabe destacar que houve apenas sete ocorrências de vogal /e/ presentes nesse contexto.



Em relação à variável *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*, como já apresentado, foi selecionada apenas para a pretônica /o/. Antes de apresentar os resultados referentes a essa variável, cabe destacar que foram desconsiderados os vocábulos em que não há vogal alta, como em *c[o]nserta*, ou em que esta se encontra antes da sílaba em que a pretônica-alvo está inserida, como em *imp[o]rtava*. Dessa forma, ao invés de haver, no total, 2147 ocorrências de pretônica /o/, há apenas 499, como pode ser observado na tabela a seguir:

**Tabela 4.** Alçamento de /o/ quanto à distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo

	Pretônica /o/	
	Frequência	PR
Vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo	37% (136/371)	.65
Distância de uma sílaba entre a sílaba da vogal alta e a da pretônica-alvo	2% (3/126)	.14
Distância de duas sílabas entre a sílaba da vogal alta e a da pretônica-alvo	0% (0/2)	.00
<b>Total</b>	<b>28% (139/499)</b>	

Input: 0.07  
Significância: 0.001

Quando considerada essa variável, verifica-se que o fato de haver uma vogal alta na sílaba subsequente à da pretônica-alvo, como em *p[u]ssui*, é um fator favorecedor da aplicação do processo, com peso relativo de .65.

Por sua vez, o fato de haver uma sílaba entre as sílabas da pretônica-alvo e da vogal alta, como em *c[o]ntamine*, mostra-se desfavorecedor da realização do processo (PR .14). Os únicos três casos em que a vogal /o/ distante da vogal alta por uma sílaba alçou são *c[u]nh[i]ci*, *c[u]nh[i]cia* e *c[u]ns[i]guia*, em que: (i) o alçamento de /o/ sofre a influência da

consoante dorsal /k/ precedente à pretônica, que, como será apresentado no item 3.1.3., atua como favorecedora da aplicação do processo em posição precedente a essa vogal; e (ii) a vogal alta exerceu influência na realização do alçamento de /e/ e, de maneira sucessiva, a vogal anterior alçada pode ter favorecido o alçamento de /o/. Esses resultados vão ao encontro da afirmação de Bisol (1981) de que a harmonização é um processo que não faz saltos, por envolver articulações sucessivas. Nota-se, também, que nas duas ocorrências – sendo ambas do vocábulo *c[o]mpreendia* – em que há duas sílabas entre a vogal alta e a pretônica-alvo, o alçamento não ocorre, o que, mais uma vez, confirma as análises feitas, pois as vogais /e/, nesse vocábulo, não alçam.

Foram aqui apresentadas variáveis que estão relacionadas à presença de uma vogal alta favorecedora do alçamento. Nesta pesquisa, há outras duas variáveis que também se relacionam à harmonização vocálica, mas que se distinguem dessas já discutidas por estarem mais atreladas a informações morfológicas dos itens lexicais. Têm-se, como variáveis relacionadas a aspectos morfológicos dos vocábulos, a *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre* e o *tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre*.

A *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre* só foi selecionada para a pretônica /e/, como já apresentado em 3.1.1. Os resultados obtidos para essa variável estão presentes na tabela seguinte:

**Tabela 5.** Alçamento de /e/ em relação à conjugação do verbo em que a pretônica ocorre

	Pretônica /e/	
	Frequência	PR
<b>1ª conjugação</b>	8% (104/1304)	.48
<b>2ª conjugação</b>	15% (143/964)	.42
<b>3ª conjugação</b>	76% (143/187)	.89
<b>Total</b>	<b>16% (390/2455)</b>	

Input: 0.06

Significância: 0.037

Observa-se, pela tabela, que o fato de o verbo ser de terceira conjugação, como em *s[i]ntir*, é altamente favorecedor (PR .89) da realização do alçamento. Isso pode ser explicado pelo fato de verbos de terceira conjugação apresentarem vogal temática /i/, uma vogal alta anterior, cuja presença na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como já visto neste trabalho, favorece a realização do alçamento. Já o fato de o verbo em que a pretônica-alvo está inserida ser de segunda conjugação (PR .42), como em *escr[e]ver*, ou de primeira (PR .48), como em *c[o]rtar*, mostra-se desfavorecedor da aplicação da regra.

Quanto à frequência de ocorrência do alçamento, observa-se que as pretônicas presentes em verbos de terceira conjugação apresentam maior porcentagem de alçamento do que pretônicas em verbos de segunda conjugação (76% e 15%, respectivamente), mesmo com o fato de, em muitos casos, eles compartilharem dos mesmos sufixos com vogal alta, como /-i/ e /-ia/ (*vender/vendi/vendia* e *pedir/pedi/pedia*).

Como justificativa a esse fato, pode-se valer dos apontamentos de Bisol (1981) e de Collischonn e Schwindt (2004), que afirmam que, em muitas ocorrências de verbos de terceira conjugação, a pretônica-alvo é uma vogal do radical, que, em outras formas do paradigma, apresenta-se como categoricamente alta, como em *m[i]ntia – minto* e *d[u]rmir – durmo*,

como resultado da regra de harmonia vocálica na raiz verbal, como já apresentado neste trabalho (seção 1.1.).

A outra variável considerada relacionada a informações morfológicas consiste no *tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre*. Antes da apresentação dos resultados obtidos, deve-se destacar que a consideração dessa variável se dá para que possam ser comparados os comportamentos dos sufixos que contêm vogal alta como favorecedores ou não do alçamento. Sendo assim, só são considerados sufixos que apresentam vogal alta, razão pela qual são contabilizadas, no total, apenas 373 ocorrências de vogal pretônica /e/ e 177 de /o/.

**Tabela 6.** Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>DNP -i</b>	42% (34/81)	.59	29% (11/38)	.50
<b>DMT -ia (Ø, -m, -mos)</b>	63% (135/214)	.69	44% (51/116)	.51
<b>DMT -ria (Ø, -m, -mos)</b>	3% (2/78)	.08	0% (0/23)	.00
<b>Total</b>	<b>46% (171/373)</b>		<b>35% (62/177)</b>	
	Input: 0.06 Signific.:0.037		Input: 0.07 Significância: 0.001	

Os resultados presentes na tabela 6 mostram que a presença de um sufixo modal-temporal de pretérito imperfeito /-ia/, como em *d[i]via* e *p[u]dia*, é favorecedora da realização do alçamento, tanto de /e/ (PR .69), quanto de /o/ (PR .51). Já a presença do sufixo número-pessoal /-i/ no vocábulo, como em *p[i]di* e *esc[u]ndi*, mostra-se, para /e/, favorecedora da realização do alçamento (PR .59) e, para /o/, neutra (PR .50).

Sobre os sufixos verbais, Bisol (1981) afirma que têm comportamento distinto de outros sufixos em relação à harmonização vocálica. No entanto, por não considerar os diferentes sufixos verbais separadamente, afirma apenas que, de forma geral, eles tendem a favorecer o processo de harmonização vocálica.

Collischonn e Schwindt (2004) tomam os sufixos verbais separadamente e, com isso, observam que há um sufixo verbal que, ao contrário dos demais, é forte desfavorecedor da aplicação do processo. Na presente pesquisa, tal resultado também foi encontrado: o sufixo modo-temporal de futuro do pretérito /-ria/, como em *d[e]v[e]ria* e *p[o]d[e]ria*, parece desfavorecer fortemente o alçamento de /e/ (PR .08) e bloquear o de /o/ (PR .00). A princípio, esse resultado causa estranheza, pois há uma vogal alta nesse sufixo e, além disso, em uma sílaba tônica, contexto que, como já apresentado, favorece altamente a aplicação do alçamento.

Collischonn e Schwindt (2004) apontam duas explicações possíveis para esse forte desfavorecimento do sufixo /-ria/ à realização do alçamento. A primeira afirma que a forma verbal de futuro do pretérito tem uso reduzido na língua falada do PB, sendo, muitas vezes, substituída por verbo no pretérito imperfeito. Além disso, nas vezes em que ocorre, costuma estar vinculada à fala cuidada ou à função de modalizador do discurso.

A segunda explicação que os autores apontam é a de que esses morfemas se configuraram como palavras prosódicas independentes. Vigário (2001) defende a existência de fronteira prosódica entre o radical e o sufixo verbal, com base na ocorrência de *mesóclise*, como em *dever-se-ia* e *pensar-se-á*. Tendo em vista o fato de a harmonização vocálica não atravessar fronteiras de palavras prosódicas, como também ocorre nos substantivos, como, por exemplo, em *ff[e]rr[o]via*, o alçamento tende a não ocorrer em verbos que apresentam o sufixo modo-temporal de futuro do pretérito.

Além desses fatores que explicam o desfavorecimento do alçamento em vogais pretônicas presentes em verbos que contêm o sufixo modo-temporal de futuro do pretérito, deve-se destacar, também, que, das 78 ocorrências de pretônica /e/ e das 23 ocorrências de pretônica /o/ presentes em verbos com esse sufixo, respectivamente, 14 (17,9%) e 23 (100%) distam uma sílaba da sílaba em que a vogal alta está contida, como pode ser observado no quadro a seguir.

**Quadro 8.** Vocábulo que apresentam uma sílaba entre a sílaba da pretônica-alvo e a da vogal alta presente no sufixo /-ria/

	Vocábulo	Ocorrência(s)
Pretônica /e/	<i>D[e]veria</i>	11
	<i>Esp[e]lharia</i>	1
	<i>L[e]varia</i>	1
	<i>P[e]rderia</i>	1
Pretônica /o/	<i>G[o]staria</i>	8
	<i>M[o]rteria</i>	1
	<i>Perc[o]rteria</i>	1
	<i>P[o]deria</i>	10
	<i>P[o]deriam</i>	1
	<i>S[o]bria</i>	1
	<i>Transf[o]rmaria</i>	1

Nesses casos, o alçamento da vogal pretônica é desfavorecido não só pela presença do sufixo /-ria/, mas, também, pela distância de uma sílaba existente entre a sílaba da pretônica-alvo e a da vogal alta que funcionaria como gatilho à aplicação da regra.

Além dessas 14 ocorrências de pretônica /e/ distantes de uma sílaba do sufixo modo-temporal de futuro do pretérito, há 1 ocorrência dessa vogal que dista duas sílabas: *pr[i]cisariam*. Nesse vocábulo, a pretônica-alvo é alçada, mas não por influência da vogal alta

presente no sufixo, e sim, pela presença de vogal alta na sílaba imediatamente seguinte à da pretônica-alvo.

Assim, foram apresentadas todas as variáveis deste trabalho que consideram, de diferentes modos, a presença de uma vogal alta no vocábulo em que a pretônica-alvo está inserida, ou seja, variáveis que permitem verificar a relação do alçamento com o processo fonológico da harmonização vocálica.

Deve-se observar, com base nos resultados apresentados, a importância desse processo para o alçamento das vogais pretônicas dos verbos no dialeto estudado nesta pesquisa. Das variáveis que o VARBRUL selecionou como relevantes à aplicação do alçamento, a *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* foi selecionada como a mais relevante, tanto para a pretônica /e/, quanto para /o/.

Especificamente para /e/, verifica-se, ainda, que as variáveis que ocupam a segunda e a terceira posições como mais relevantes à aplicação do processo também consistem em variáveis relacionadas à harmonização vocálica: o *tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre* e a *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*.

Por meio da observação da lista de formas analisadas (Anexo 2), constata-se que, na maioria dos casos em que há alçamento, seja ele categórico ou variável, há uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica alçada.

Pelos motivos expostos, mostra-se evidente que o alçamento das vogais médias pretônicas dos verbos no dialeto do interior paulista, especialmente no tangente à pretônica /e/, resulta, sobretudo, do processo de *harmonização vocálica*.

### 3.1.3. Variáveis relacionadas à redução vocálica

São consideradas também, nesta pesquisa, variáveis que permitem relacionar o alçamento à redução vocálica, por tratarem de características das consoantes adjacentes à pretônica-alvo. Uma dessas variáveis diz respeito ao *ponto de articulação* dessas consoantes. Os resultados obtidos a partir da consideração do ponto de articulação da consoante **precedente** à pretônica-alvo são expressos na tabela a seguir:

**Tabela 7.** Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>Labial</b>	9% (68/762)	.38	8% (40/478)	.23
<b>Coronal</b>	17% (244/1438)	.50	11% (46/406)	.39
<b>Dorsal</b>	31% (78/255)	.80	11% (133/1263)	.65
<b>Total</b>	<b>16% (390/2455)</b>		<b>10% (219/2147)</b>	
	Input: 0.06 Significância: 0.037		Input: 0.07 Significância: 0.001	

Em posição precedente à da pretônica-alvo, observa-se que, tanto para /e/, quanto para /o/, consoantes dorsais, como em *[ki]riam* e *[ku]meçado*, são as que mais favorecem (PR .80 e PR .65, respectivamente) a realização do alçamento.

Pode-se justificar esse resultado, no que tange à pretônica /o/, no fato de vogais posteriores /o, u/ também apresentarem o traço [dorsal], sendo /u/ mais dorsal do que /o/. Tendo em vista que a vogal **alta** posterior é mais dorsal do que a vogal **média** posterior, consoantes dorsais favorecem a realização da forma alçada.



Nesse sentido, o resultado obtido em relação à pretônica /e/ parece contraditório, já que /i/ é a vogal emitida na posição mais anterior do trato bucal. No entanto, esse resultado pode ser justificado pela observação dos dados. Como mostra a tabela 7, de um total de 255 ocorrências de vogal pretônica /e/ antecedida por consoante dorsal, 78 alçam. São elas: *esqu[i]ci* (5 ocorrências), *esqu[i]cido* (1 ocorrência), *qu[i]ria* (65 ocorrências), *qu[i]riam* (6 ocorrências) e *requ[i]ria* (1 ocorrência).

Observa-se, primeiramente, um grande número de ocorrências de alçamento em vocábulos de mesma base: 72 ocorrências (*qu[i]ria* – 65 ocorrências, *qu[i]riam* – 6 ocorrências e *requ[i]riam* – 1 ocorrência). Acredita-se que esse fato esteja influenciando positivamente o elevado índice de aplicação do processo em vogais precedidas por consoante dorsal, que levariam o alçamento também em formas como *esqu[i]ci* (5 ocorrências) e *esqu[i]cido* (1 ocorrência). Além disso, verifica-se que, em todos os 78 casos em que a pretônica /e/ antecedida por consoante dorsal foi alçada, havia uma vogal alta anterior na sílaba seguinte, contexto que, como apresentado na seção 3.1.2., é altamente favorecedor da realização do processo. Dessa forma, pode-se dizer que o alçamento, nesses casos, não ocorre pelo fato de haver uma consoante dorsal adjacente à pretônica-alvo, mas sim pela atuação do processo de harmonização vocálica. Cabe mencionar, nesse momento, a hipótese do modelo difusionista para tratar desses resultados. Conforme esse modelo, a mudança atinge primeiramente um dado item lexical muito freqüente e, depois, por analogia, estender-se-ia a outros vocábulos de mesmo contexto.<sup>39</sup> Uma afirmação mais conclusiva acerca dessa reflexão poderia ser feita a partir de um estudo mais aprofundado sobre a freqüência dos itens relevantes para essa discussão, o que não é o foco deste trabalho.

---

<sup>39</sup> Agradecemos ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves por nos ter feito essa observação.



descrito na seção 3.1.2 desta dissertação, é altamente favorecedora do alçamento da vogal pretônica /e/ (PR .93 para a vogal alta anterior /i/ e .84 para a alta posterior /u/).

Por meio da tabela 8, verifica-se, também, que a consoante com o traço [coronal], como em *d[i]staca* e *p[u]der*, tanto para /e/ (PR .52), quanto para /o/ (PR .57), favorece a realização do alçamento. Para explicar a atuação da consoante coronal seguinte a favor do alçamento da pretônica /e/, deve-se ressaltar o fato de as vogais anteriores apresentarem o traço [coronal], sendo /i/, do ponto de vista fonético, mais coronal do que /e/, por ser aquela vogal mais anterior do que esta. Assim, consoantes coronais favorecem a realização da forma alçada /i/.

Porém, para /o/, tal explicação não se faz valer, tendo em vista o fato de essa vogal não apresentar o traço [coronal]. Para uma explicação do favorecimento do alçamento de /o/ por parte da consoante coronal seguinte a essa vogal, deve-se observar os dados levantados (cf. Anexo 2). Verifica-se que, das 141 ocorrências em que a pretônica /o/ seguida por consoante coronal alça, 131 (92,9%) podem ter seu alçamento explicado pela atuação de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo e/ou pela influência da consoante dorsal [k] precedente a essa vogal. São elas: 3 ocorrências de vocábulos do paradigma de *a[ku]stumar*, 11 de *[ku]nhecer*<sup>40</sup>, 18 de *[ku]stumar*, 21 de *[ku]zinhar*, 43 de *d[u]rmir*, além dos vocábulos *a[ku]ntece* (1 ocorrência), *[ku]nseguia* (1 ocorrência), *[ku]ntinua* (1 ocorrência), *es[ku]lhia* (1 ocorrência), *es[ku]ndi* (1 ocorrência), *p[u]dia* (27 ocorrências), *p[u]diam* (1 ocorrência), *p[u]ssui* (1 ocorrência) e *t[u]ssindo* (1 ocorrência). Vale lembrar que o fator *vogal alta na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* é favorecedor da aplicação do alçamento de /o/

<sup>40</sup> Assume-se a afirmação de Collischonn (2006) de que a consoante [ɲ] apresenta o traço [coronal].

(PR .90 para a vogal alta anterior /i/ e .83 para a alta posterior /u/), assim como o fator *consoante dorsal precedente à pretônica-alvo* (PR. 65).

Ainda para a pretônica /o/, a consoante seguinte com ponto de articulação *labial*, como em *c[u]mecei*, mostra-se favorecedora da aplicação do alçamento (PR .55). Deve-se valer, aqui, da constatação de Bisol (1981) de que uma consoante com traço [labial] favorece a ocorrência da vogal alta /u/, por esta ser mais labializada do que /o/.

Em relação ao processo de redução vocálica, são observados, também, os *modos de articulação das consoantes adjacentes à pretônica-alvo*. Antes da apresentação desses resultados, cabe ressaltar, mais uma vez, que, mesmo tendo sido selecionados, pelo VARBRUL, como relevantes à aplicação do processo de alçamento de /e/ e de /o/, tanto em posição precedente, quanto em posição seguinte à da vogal, não é esperado que o modo de articulação de consoante(s) adjacente(s) influencie a realização do alçamento. Isso se deve ao fato de não parecer haver evidência fonética que explique o porquê de, por exemplo, uma oclusão ou uma fricção de uma consoante influenciar a realização do alçamento da pretônica contígua a ela.

Desse modo, para tratar de alguns resultados referentes a essa variável, mais precisamente daqueles que dizem respeito ao alçamento da pretônica /e/,<sup>41</sup> vale-se de dois tipos de cruzamento: (i) *ponto e modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*; e (ii) *ponto e modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo*.

Assim, em relação ao modo de articulação da consoante **precedente** à pretônica-alvo, tem-se a seguinte tabela:

---

<sup>41</sup> Já que, para a vogal pretônica /o/, não se faz necessário verificar os pontos de articulação das consoantes adjacentes para a explicação dos resultados referentes aos modos de articulação dessas consoantes, conforme será apresentado nesta seção.



Percebe-se que a maior porcentagem de alçamento (65%) se dá quando há uma consoante oclusiva dorsal em posição precedente à pretônica /e/. Vale lembrar que o ponto de articulação dorsal é o mais favorecedor (PR .80) no caso da consoante precedente à pretônica /e/. Dessa forma, talvez o fato de a consoante oclusiva ser apontada pelo VARBRUL como favorecedora da realização do alçamento (PR .64, como já apresentado) possa ser mais bem explicado pela grande frequência de alçamento da pretônica /e/ quando precedida por consoante oclusiva **dorsal** do que pela oclusão dessa consoante.

Além disso, pode-se relacionar o fato de a consoante oclusiva ter sido apontada como favorecedora do alçamento de /e/ também ao grande número de ocorrências do processo em um mesmo vocábulo: [*ki*]ria, com 65 ocorrências. Constata-se que, nesse vocábulo, mais do que a presença de uma consoante oclusiva precedente à pretônica-alvo, é a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo que propicia a realização do alçamento.

Já no que tange às consoantes fricativas, modo de articulação que também foi apontado pelo VARBRUL como relevante à aplicação do processo na pretônica /e/ (PR .56), a porcentagem de alçamento mais alta é de 23% para as consoantes fricativas que apresentam ponto de articulação coronal. Apesar de ser uma porcentagem relativamente baixa, deve-se destacar que é mais alta do que 7% para as consoantes fricativas labiais e 1% para as fricativas dorsais. Dessa forma, pode-se dizer que o ponto coronal é o mais favorecedor para as consoantes fricativas que antecedem a pretônica /e/.

Constata-se que, assim como para a fricativa, para os modos de articulação *tepe*, *nasal* e *lateral*, há uma maior concentração de porcentagens de alçamento quando o ponto de articulação é *coronal*, o que corrobora a informação de que esse ponto de articulação é favorecedor do alçamento de /e/.

Observando a coluna referente ao ponto de articulação *coronal*, constata-se, também, uma distribuição de porcentagens nos diferentes modos de articulação, o que não é tão evidente para os demais pontos de articulação considerados (*labial e dorsal*). Isso evidencia o comportamento complexo das coronais, causado pelo fato de o ponto de articulação coronal apresentar mais especificações, como mostrado no diagrama 3 deste trabalho.

Para a pretônica /o/, como já relatado, os pesos relativos apontam as nasais como as mais favorecedoras do alçamento (PR .67). Sobre as nasais, serão tratadas no item acerca dos resultados referentes à variável *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*.

Quanto ao fato de a consoante oclusiva precedente a /o/ ser levemente favorecedora (PR .51) da aplicação do alçamento dessa vogal, deve ser observada a grande recorrência do fenômeno em formas verbais pertencentes aos paradigmas de *dormir* e *poder*, em que, respectivamente, há a presença das consoantes oclusivas /d/ e /p/ antecedendo a pretônica /o/. O alçamento em formas verbais do paradigma de *dormir* totaliza 43 ocorrências, sendo elas: *d[u]rmi* (4), *d[u]rmia* (16), *d[u]rmiam* (2), *d[u]rmimos* (2), *d[u]rmino* (6), *d[u]rmir* (11), *d[u]rmirmos* (1) e *d[u]rmiu* (1). Em relação ao paradigma de *poder*, totalizam-se outras 28 ocorrências, sendo elas: *p[u]dia* (27) e *p[u]diam* (1). O grande número de ocorrências desses itens lexicais, cujo alçamento pode ser mais bem explicado pela presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, pode ter influenciado a obtenção do resultado de que a consoante oclusiva, em posição precedente à pretônica /o/, favorece a realização do alçamento.

No que diz respeito ao modo de articulação da consoante **seguinte** à pretônica-alvo, foram obtidos os resultados expressos na tabela seguinte:





Observa-se que a maior frequência de alçamento<sup>42</sup> se dá quando a pretônica /e/ é seguida por oclusivas coronais (56%). Vale lembrar que coronal é um ponto de articulação dado pelo VARBRUL como favorecedor, no caso das consoantes seguintes, do alçamento da vogal pretônica /e/ (PR .52).

Para as fricativas, a porcentagem mais alta é de 17% das coronais. Apesar de consistir uma porcentagem relativamente baixa, é mais alta que os 7% obtidos para as fricativas labiais e 0% para as fricativas dorsais. Assim, verifica-se que, para as vogais seguidas por consoantes fricativas, as que mais alçam são aquelas cuja consoante fricativa seguinte apresenta ponto de articulação coronal, que, como já citado, consiste em um ponto de articulação favorecedor do alçamento de /e/, quando a consoante se dá em posição seguinte à da pretônica-alvo.

Outra questão que merece ser abordada é o fato de haver um elevado número de ocorrências de alçamento do vocábulo *pr[i]cisa* (26 ocorrências) e de uma série de formas pertencentes ao mesmo paradigma desse vocábulo que sofrem o processo de alçamento: *pr[i]cisam* (5), *pr[i]cisando* (2), *pr[i]cisar* (4), *pr[i]cisariam* (1), *pr[i]cisava* (10), *pr[i]cisavam* (1), *pr[i]cisei* (3), *pr[i]ciso* (2) e *pr[i]cisou* (5). Essas formas verbais totalizam 59 das 131 ocorrências de alçamento de pretônica /e/ seguida por consoante fricativa e, em todas elas, há uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, contexto já mostrado ser altamente favorecedor da aplicação do processo.

Deve-se destacar, também, que é observada, para os modos de articulação *oclusiva*, *tepe* e *fricativa*, uma maior concentração de porcentagens de alçamento quando o ponto de articulação é *coronal*, o que (i) corrobora o resultado que indica sua atuação favorecedora do alçamento e (ii) evidencia o seu comportamento complexo.

---

<sup>42</sup> Com exceção de vogal pretônica /e/ seguida por consoante com modo de articulação nasal e ponto de articulação dorsal, que apresenta 100% de alçamento. Deve-se ressaltar que há apenas 2 ocorrências de pretônicas /e/ presentes nesse contexto (*des[i]ncarnado* e *des[i]ncarnou*).

Em relação à pretônica /o/, o fato de as consoantes nasais influenciarem o alçamento dessa vogal (PR .67) será tratado no item sobre estrutura silábica. Quanto ao alto peso relativo obtido acerca das consoantes oclusivas para essa vogal (PR .79), pode-se buscar explicações, mais uma vez, no grande número de ocorrências de alçamento do vocábulo *p[udʒ]ia* (27 ocorrências, além de *p[udʒ]iam*, que ocorre 1 vez). Dessa forma, esse alto número de ocorrências de alçamento em um mesmo vocábulo pode conduzir ao resultado que aponta a consoante oclusiva seguinte como favorecedora do alçamento. No entanto, verifica-se que, nesse vocábulo, há a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, fato que, como já mostrado neste trabalho, é altamente favorável à aplicação do processo.

No que diz respeito à atuação da consoante fricativa seguinte como levemente favorecedora da aplicação do alçamento de /o/ (PR .52), constatam-se, quando observados os dados levantados (cf. Anexo 2), muitas ocorrências em que o alçamento pode ser mais bem explicado pela atuação de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo e/ou à atuação de uma consoante dorsal antecedente à pretônica /o/, como, por exemplo, em: 18 ocorrências de vocábulos do paradigma de *[ku]stumar*, 21 de *[ku]zínhar* e 3 de *a[ku]stumar*.

De forma geral, verifica-se que os resultados que apontam os modos de articulação das consoantes contíguas à pretônica-alvo como influenciáveis ao alçamento dessa vogal parecem ser enfraquecidos quando consideradas (i) a relação entre o modo e o ponto de articulação da consoante considerada; e (ii) a presença de item lexical recorrente, cujo alçamento é mais bem explicado pela atuação de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo (pelo processo de harmonização vocálica) e/ou pela atuação de uma consoante precedente que apresenta um ponto de articulação favorecedor do alçamento (pelo processo de redução vocálica).

Pode-se dizer, então, que os casos de redução vocálica estão relacionados mais precisamente ao **ponto** de articulação da consoante adjacente à pretônica-alvo. Isso pode ser constatado, também, pela observação do quadro 9, em que são listadas as ocorrências de alçamento que podem ser explicadas apenas pelo processo de redução vocálica, e não de harmonização vocálica, pois não apresentam uma vogal alta no vocábulo<sup>43</sup>.

**Quadro 9.** Casos de alçamento que podem ser explicados pela influência do ponto de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo

<b>Pretônica /e/</b>	<b>Pretônica /o/</b>
Descrever	Acontece
Desencarnado	Almoçar
Desencarnou	Almoçando
Desenformo	Almoçado
Desenvolvendo	Almoçamos
Desenvolver	Começar
Desespera	Começando
Desmaiei	Começado
Desmanchei	Começa
Despeja	Comecei
Destaca	Começo
Percebesse	Começou
	Comer
	Comendo
	Comeu
	Conhece
	Conhecê-lo(a)(s)
	Conhecendo
	Conhecer
	Conheceu
	Conheço
	Conversam
	Conversando
	Conversava
	Conversávamos
	Converso
	Conversou
	Poder

<sup>43</sup> Encontram-se, em alguns casos, apenas *glides* altas, que não costumam ser consideradas gatilhos à aplicação da harmonização vocálica e, conseqüentemente, do alçamento.

Os vocábulos presentes na primeira coluna do quadro, em que a pretônica-alvo é a média anterior, apresentam, em comum, o fato de, em adjacência a essa vogal, haver consoantes com o traço [*coronal*], como, por exemplo, [d, dʒ]<sup>44</sup> e [s, z], que podem ter influenciado a realização de uma vogal alta /i/, ao invés da média /e/, tendo em vista que, do ponto de vista fonético, aquela é mais coronal do que esta, pois, em sua produção, a parte da frente da língua está mais envolvida como articulador ativo do que na produção de /e/.

Já na segunda coluna do quadro, em que se listam casos de alçamento da pretônica /o/, observa-se a influência de consoantes labiais e dorsais. Nos vocábulos do paradigma verbal de *alm[u]çar*, tem-se a consoante labial [m] em posição precedente à pretônica-alvo; nas palavras dos paradigmas de *c[u]meçar* e *c[u]mer*, a consoante labial [m] se encontra em posição seguinte à da pretônica analisada; e, em *p[u]der*, tem-se, em posição precedente à pretônica-alvo, a consoante [p], que também é labial. Assume-se que o traço [labial] favoreça a ocorrência da forma alçada /u/, por esta ser mais labializada do que /o/.

Além disso, em muitos vocábulos da segunda coluna do quadro, observa-se a presença da consoante dorsal [k] em posição precedente à pretônica alçada, que apresenta o traço [dorsal]. Da mesma forma que se observa em relação ao traço [labial], pode-se dizer que o traço [dorsal] favorece o alçamento da vogal média posterior, pelo fato de a vogal alta posterior /u/ ser mais dorsal do que /o/. Assim, verifica-se a influência do(s) ponto(s) de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo para a realização do alçamento dessa vogal.

Passa-se, agora, à descrição dos resultados relacionados à variável que considera a estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo está inserida.

---

<sup>44</sup> Apesar de a alveolar /d/ ter sido realizada como a alveopalatal [dʒ], isso não é considerado, pois a aplicação do processo de palatalização é posterior à aplicação do alçamento. Isso pode ser verificado pela condição para que a palatalização ocorra: a existência de uma vogal **alta** anterior seguinte à consoante /d/ ou /t/.

### 3.1.4. Variável relacionada à estrutura silábica

Outra variável considerada é a *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*. Como já citado, nos dados presentes no *corpus* desta pesquisa, foram verificadas as seguintes estruturas de sílaba:

- (i) *ataque e rima (núcleo)*, como em *p[e]guei*;
- (ii) *ataque e rima (núcleo e coda nasal)*, como em *sust[e]ntar*;
- (iii) *ataque complexo e rima (núcleo e coda nasal)*, como em *apr[o]ntava*;
- (iv) *ataque e rima (núcleo e coda ramificada apresentando segmento nasal)*, estrutura ocorrida apenas para a vogal /o/, como em *c[o]nstruí*;
- (v) *ataque e rima (núcleo e coda sem ser nasal)*, ou seja, sílaba travada por /R/, /l/ ou /S/, como em *t[o]rnou*;
- (vi) *ataque complexo e rima (núcleo e coda sem ser nasal)*, estrutura encontrada apenas em pretônica /e/, como em *pr[e]stei*; e
- (vii) *ataque complexo e rima (núcleo)*, como em *expl[o]rando*.

Em decorrência do fato de, para /e/, as sílabas com (i) *ataque complexo e rima (núcleo e coda nasal)*; e (ii) *ataque complexo e rima (núcleo e coda não-nasal)* terem apresentado *knock-outs* no VARBRUL, esses fatores foram amalgamados, respectivamente, com os fatores (i) *ataque e rima (núcleo e coda nasal)*; e (ii) *ataque e rima (núcleo e coda não-nasal)*. Para /o/, resultaram em *knock-outs* as sílabas com as estruturas: (i) *ataque complexo e rima (núcleo e coda nasal)*; e (ii) *ataque e rima (núcleo e coda ramificada apresentando segmento nasal)*, ambos fatores amalgamados à sílaba de estrutura *ataque e rima (núcleo e coda nasal)*. Assim, para as amalgamações realizadas, considerou-se a presença ou ausência de um elemento nasal na coda da sílaba. Dessa forma, obtêm-se os resultados apresentados na tabela a seguir.

**Tabela 13.** Alçamento de /e/ e de /o/ em relação à estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>Ataque + rima (núcleo)</b>	17% (251/1518)	.45	13% (142/1120)	.69
<b>Ataque (complexo ou não) + rima (núcleo + coda nasal ou, para /o/, coda complexa apresentando elemento nasal)</b>	9% (32/351)	.39	2% (11/626)	.07
<b>Ataque (complexo ou não) + rima (núcleo + coda sem ser nasal)</b>	8% (27/345)	.44	20% (64/320)	.87
<b>Ataque complexo + rima (núcleo)</b>	33% (80/241)	.90	2% (2/81)	.78
<b>Total</b>	<b>16% (390/2455)</b>		<b>10% (219/2147)</b>	
	Input: 0.06 Signific.:0.037		Input: 0.07 Signific.:0.001	

Para a pretônica /e/, quando presente em sílaba com ataque complexo sem preenchimento da coda, como em *pr[il]cisando*, esse contexto se mostra favorecedor da realização do alçamento (PR .90). As sílabas com coda, seja ela nasal (PR .39), como em *ent[e]nder*, ou não-nasal (PR .44), como em *p[el]rcebia*, mostram-se como contextos desfavorecedores da realização do processo de alçamento em /e/. Dessa maneira, pode-se dizer que o alçamento da pretônica /e/ é desfavorecido quando a sílaba em que está contida é travada.

Já para a pretônica /o/, a sílaba com coda não-nasal (PR .87), como em *c[u]stuma*, mostra-se como a mais favorecedora da realização do alçamento. Silveira (2008), em seu estudo sobre vogais pretônicas dos *nomes* na variedade do interior paulista, ressalta que o valor favorável à aplicação da regra atribuído a essa estrutura silábica deve ser relacionado apenas à fricativa /S/ e à vibrante /R/, pois, em todos os seus dados em que havia a lateral /l/ na coda silábica, a vogal pretônica não alçou, talvez em função da regra de vocalização de /l/, por meio da qual passa a ser pronunciado como a semivogal [ʊ].

Para as vogais pretônicas dos *verbos* desse mesmo dialeto, isso também pode ser afirmado, tendo em vista que todas as pretônicas inseridas em sílabas que apresentam coda travada por /l/ não apresentaram alçamento, como pode ser observado em: *desenv[o]lvendo*, *desenv[o]lver*, *desenv[o]lviam*, *dev[o]lver*, *diss[o]lver*, *env[o]lveram*, *env[o]lveu*, *env[o]lvia*, *p[o]lvilhando*, *res[o]lver*, *res[o]lveram*, *res[o]lveu*, *res[o]lvi*, *rev[o]ltou*, *v[o]ltado*, *v[o]ltamos*, *v[o]ltando*, *v[o]ltar*, *v[o]ltaram*, *v[o]ltasse*, *v[o]ltassem*, *v[o]ltava*, *v[o]ltei* e *v[o]ltou*.

Em relação ao alçamento da pretônica /o/, também se mostraram favoráveis sílabas sem preenchimento da coda (.69 para a que apresenta ataque simples, como em *c[u]brir*, e .78 para a que apresenta ataque complexo, como em *pr[u]curando*). Já a sílaba que apresenta coda nasal, como em *c[o]mprado*, apresenta-se como uma forte desfavorecedora (PR .07) da realização do alçamento. Assim, tende a não alçar a vogal presente nesse contexto, que Câmara Jr. (2007) afirma apresentar *nasalidade fonológica*, por dar *status* fonológico a oposições como *contou/cotou*.

Ainda no que diz respeito à nasal, retomam-se aqui os resultados apresentados no item 3.1.3., de que consoantes com modo de articulação nasal foram apontadas pelo VARBRUL como favorecedoras da realização do alçamento de /o/, quando em posição precedente (PR .67) ou seguinte (PR .67) à pretônica-alvo. Ao serem relacionadas essas duas variáveis, tem-se que, quando a consoante nasal segue imediatamente a pretônica, o alçamento é favorecido pela nasalidade que Câmara Jr. (2007) define como de natureza *fonética* – quando a vogal assimila a nasalidade da consoante nasal presente na *sílaba seguinte*, como em *c[u]meçar* e *c[u]mia*.

Esse resultado também foi encontrado por Viegas (1987), que o explica afirmando que, enquanto a vogal presente em sílaba travada por consoante nasal não antecipa a

articulação da consoante que a segue, a vogal seguida por elemento nasal na sílaba seguinte antecipa, e, ao fazer isso, a língua se eleva, o que favorece a emissão de uma vogal alta.

Assim, explicita-se a influência da estrutura silábica na realização do alçamento das vogais pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista. Deve-se destacar que essa variável é apresentada, pelo VARBRUL, como bastante importante à aplicação do alçamento da vogal pretônica /e/ e, sobretudo, da pretônica /o/, sendo selecionada como, respectivamente para cada vogal, a quinta e a segunda variável mais relevante.

### 3.1.5. Variável social: *faixa etária*

A faixa etária foi a única variável social considerada neste trabalho e, como já citado, foi selecionada apenas para a pretônica /e/. A seguir, apresentam-se os resultados obtidos.

**Tabela 14.** Alçamento de /e/ em relação à faixa etária do informante

	Pretônica /e/	
	Freqüência	PR
<b>De 16 a 25 anos</b>	18% (70/392)	.62
<b>De 26 a 35 anos</b>	18% (162/891)	.53
<b>De 36 a 55 anos</b>	13% (85/674)	.45
<b>Acima de 56 anos</b>	15% (73/498)	.42
<b>Total</b>	<b>16% (390/2455)</b>	

Input: 0.06

Significância: 0.037



Por meio da tabela, pode-se observar que a faixa etária mais jovem (de 16 a 25 anos) é a que apresenta o maior peso relativo (.62), ou seja, é a mais favorecedora da realização do processo. Em seguida, o maior peso relativo (.53) corresponde ao da faixa etária imediatamente seguinte, ou seja, de 26 a 35 anos. Já a faixa etária de 36 a 55 anos mostra-se desfavorecedora da realização do alçamento (PR .45) e, por fim, a faixa etária menos jovem é que apresenta o menor peso relativo (.42), ou seja, é a que se mostra mais desfavorecedora da aplicação do processo.

Dessa forma, verifica-se que, quanto mais jovem a faixa etária, maior é a probabilidade de realização do alçamento. Esse resultado aponta para um processo em vias de mudança. Porém, para que isso seja confirmado, é necessária a observação de fatores não considerados nesta pesquisa, como a situação sócio-econômica dos falantes (já que, como afirma Faraco, 2005, a implementação das inovações é realizada, sobretudo, pelo grupo social pertencente à classe média-baixa) e outros níveis de escolaridade (tendo em vista que a variedade culta costuma consistir na última a ser atingida pelo processo de mudança).

\* \* \*

Após a apresentação e discussão dos resultados obtidos por meio desta pesquisa, passa-se, agora, a uma comparação dos resultados referentes ao alçamento das vogais médias pretônicas dos *verbos* e dos *nomes* na variedade do interior paulista.

### 3.2. Comparação entre as vogais médias pretônicas de verbos e de nomes

Os resultados acerca das vogais médias pretônicas dos *verbos* no dialeto do interior paulista podem ser comparados aos das vogais médias pretônicas dos *nomes* nessa variedade, obtidos a partir do estudo de Silveira (2008). Os resultados gerais de aplicação do alçamento de /e/ e de /o/ em nomes foram, respectivamente, 13% e 14%, índices bastante próximos aos referentes às pretônicas dos verbos (16% e 10%, para /e/ e /o/, respectivamente).

Comparando o comportamento das vogais pretônicas em nomes e verbos em relação às variáveis comumente consideradas, pôde-se elaborar o seguinte quadro:

**Quadro 10.** As vogais médias pretônicas de nomes e de verbos na fala culta do interior paulista: dados comparativos

Variáveis	Nomes	Verbos
<i>Altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ a vogal /i/ favorece mais o alçamento do que /u/, de modo geral;</li> <li>▪ a vogal alta anterior /i/, quando átona,<sup>45</sup> favorece o alçamento de /e/ (PR .83) e de /o/ (PR .92), assim como quando tônica (.98 e .91, respectivamente); e</li> <li>▪ a vogal alta anterior /u/, quando átona, favorece mais o alçamento de /e/ (.78) do que de /o/ (.62), mas, quando tônica, favorece o alçamento de /o/ (.85) e mostra-se neutra em relação ao alçamento de /e/ (.50).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ a vogal /i/ favorece mais o alçamento do que /u/, de modo geral;</li> <li>▪ a vogal alta anterior /i/ favorece o alçamento de /e/ (PR .93) e de /o/ (.90); e</li> <li>▪ a vogal alta anterior /u/, levemente, favorece mais o alçamento de /e/ (.84) do que o de /o/ (.83).</li> </ul>
<i>Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é o contexto mais favorecedor da aplicação do alçamento, tanto para /e/ (PR .73), quanto para /o/ (.74).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ para a pretônica /e/, essa variável não foi selecionada pelo programa estatístico; e</li> <li>▪ para /o/, a presença de um vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é o contexto mais favorecedor (.65) da aplicação do alçamento.</li> </ul>
<i>Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ o traço [labial] favorece o alçamento tanto de /e/ (PR .74), quanto de /o/ (.63); e</li> <li>▪ o traço [dorsal] (identificado nas C velares)<sup>46</sup> é o que mais favorece o alçamento de /o/ (PR .64).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ o traço [labial] desfavorece (.38 e .23, respectivamente) o alçamento de /e/ e de /o/; e</li> <li>▪ o traço [dorsal] é o que mais favorece o alçamento de /e/ (PR .80) e de /o/ (.65).</li> </ul>
<i>Ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ o traço [dorsal] (identificado nas C velares) é o que mais favorece o alçamento de /e/ (PR .99); e</li> <li>▪ o traço [coronal] (identificado nas C palatais) favorece o alçamento de /o/ (PR .70) (obs: influência do item <i>colher</i>).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ o traço [dorsal] é o que mais favorece o alçamento de /e/ (.57); e</li> <li>▪ o traço [coronal] é o que mais favorece o alçamento de /o/ (.57).</li> </ul>
<i>Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ a sílaba com ataque e rima (núcleo) é favorável ao alçamento de /e/ (.57) e de /o/ (.69);</li> <li>▪ o fator <i>sílaba com ataque complexo e rima (núcleo)</i> desfavorece a aplicação do alçamento de /e/ (.23) e de /o/ (.08); e</li> <li>▪ quando a sílaba é travada por vibrante /R/, lateral /l/ ou fricativa /S/, esse fator favorece o alçamento de /o/ (.61), mas desfavorece o de /e/ (.26).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ a sílaba com ataque e rima (núcleo) é favorável (.69) apenas para /o/;</li> <li>▪ o fator <i>sílaba com ataque complexo e rima (núcleo)</i> consiste em um forte favorecedor da aplicação do alçamento de /e/ (.90) e de /o/ (.78); e</li> <li>▪ quando a sílaba é travada por vibrante /R/, lateral /l/ ou fricativa /S/, esse fator favorece o alçamento de /o/ (.87), mas desfavorece o de /e/ (.44).</li> </ul>
<i>Faixa etária</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ a faixa etária não influencia a aplicação do alçamento de /e/ e de /o/.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ a faixa etária não foi selecionada para a pretônica /o/ e foi selecionada para a pretônica /e/ como a última variável;</li> <li>▪ a faixa etária mais jovem é a que mais favorece (.62) a realização do alçamento de /e/, enquanto a menos jovem é a que se mostra mais desfavorecedora da aplicação do processo (.42).</li> </ul>

<sup>45</sup> Silveira (2008), ao observar o comportamento de /i/ e de /u/, considera essas vogais já com a informação sobre a tonicidade que apresentam em cada ocorrência.

<sup>46</sup> Silveira (2008) considera a seguinte classificação dos pontos de articulação das consoantes: *alveolar, palatal, velar e labial*.

De forma geral, a partir do quadro 10, verificam-se, para os nomes e para os verbos, alguns comportamentos similares em relação à aplicação do alçamento das vogais médias pretônicas. Dos resultados em comum, destacam-se os seguintes:

- a vogal alta /i/ é forte favorecedora da aplicação do alçamento, tanto de /e/, como em *al[i]gria* e *interf[i]rir*, quanto de /o/, como em *p[u]lícia* e *t[u]ssindo*;
- a contigüidade da vogal alta em relação à pretônica-alvo mostra-se relevante à aplicação do alçamento, especialmente no que diz respeito à pretônica /o/;
- o traço [dorsal] da consoante precedente à pretônica-alvo /o/ favorece a aplicação do alçamento, como em *[ku]lher* e *[ku]nversam*;
- para a vogal pretônica /e/, o traço [dorsal] da consoante seguinte, como em *p[i]quena* e *cons[i]guiam*, é o mais favorecedor do alçamento, em nomes e em verbos,
- para a vogal pretônica /o/ de nomes e de verbos, o ponto de articulação coronal da consoante imediatamente seguinte à pretônica-alvo, como em *c[u]lher* e *alm[u]çado*, é apontado como favorecedor da aplicação do alçamento;
- sílaba que apresenta ataque e rima (núcleo) é favorável ao alçamento da pretônica /o/, como em *alg[u]dão* e *c[u]brir*;
- quando a sílaba é travada por vibrante /R/, lateral /l/ ou fricativa /S/, esse fator favorece o alçamento de /o/, como em *c[u]stureira* e *d[u]rmindo*, mas desfavorece o de /e/, como em *c[e]rteza* e *p[e]rdi*;
- de modo geral, a *faixa etária* não se mostra relevante à aplicação do alçamento de /o/.

Quanto às diferenças, pode-se destacar:

- a presença do traço [labial] da consoante precedente à pretônica-alvo, nos nomes, favorece o alçamento de /e/, como em *[mi]dida*, e de /o/, como em *[pu]lenta*;

enquanto, nos verbos, a presença desse traço desfavorece o alçamento de /e/ e de /o/, como em [me]dicar e [po]siciona;

- a estrutura silábica com ataque complexo e rima (núcleo), nos nomes, desfavorece a aplicação do alçamento de /e/ e de /o/, como em agr[e]ssivo e pr[o]fissional, enquanto, nos verbos, atua como forte favorecedora do alçamento dessas vogais, como em acr[i]ditar e pr[u]curando; e
- a *faixa etária* consiste em uma variável relevante ao alçamento da vogal pretônica /e/ em verbos, conforme apontado pelo programa estatístico.

Outra diferença relevante no que tange ao alçamento das vogais médias pretônicas de nomes e de verbos na variedade do interior paulista diz respeito a qual processo melhor explica esse fenômeno. Silveira (2008) aponta a *redução vocálica* como o processo mais importante para a aplicação do alçamento nas vogais pretônicas dos nomes, enquanto a *harmonização* atua em alguns casos. Para os verbos, de modo distinto, verifica-se que a maioria dos casos de alçamento pode ser explicada pela *harmonização vocálica*, sendo alguns desses casos passíveis de explicação também pelo processo de redução vocálica. Poucas ocorrências (cf. quadro 9 deste trabalho) podem ser explicadas apenas pela redução. Assim, enquanto Silveira (2008) destaca a redução vocálica para a aplicação do alçamento das vogais pretônicas dos *nomes* na fala culta do interior paulista, constata-se, no presente trabalho, a harmonização vocálica como o processo mais relevante para o alçamento das vogais pretônicas dos *verbos* na fala culta desse dialeto.

Deve-se lembrar que o verbo apresenta certas informações morfofonológicas relacionadas à presença de vogal alta, como (i) os sufixos de segunda e de terceira conjugação /-i/ e /-ia/; e (ii) a ocorrência da harmonia vocálica na raiz de certas formas verbais de terceira conjugação, em que a vogal da raiz harmoniza seus traços de altura com a vogal temática

subjacente /i/, como apresentado na seção 1.1. O fato de essas especificidades do verbo estarem relacionadas, de diferentes formas, à vogal alta /i/ pode explicar a maior atuação do processo de harmonização nas vogais médias pretônicas dos *verbos* na variedade do interior paulista.

### 3.3. Resumo

No presente capítulo, foram apresentados os resultados quantitativos e qualitativos acerca das vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista. Como resultados principais, podem ser destacados:

- baixa aplicação do processo de alçamento (16% para a vogal pretônica /e/ e 10% para /o/);
- as vogais altas atuam como favorecedoras da aplicação do alçamento;
- a tonicidade é um fator relevante, mas não determinante à realização do processo;
- no geral, a harmonização mostra-se mais relevante do que a redução em relação à aplicação do alçamento vocálico, especialmente no que diz respeito à pretônica /e/;
- o processo de redução, no entanto, também se faz presente nesse dialeto;
- em posição precedente à pretônica-alvo, consoantes dorsais atuam a favor da aplicação do alçamento tanto de /e/, quanto de /o/;
- em posição imediatamente seguinte à pretônica-alvo, consoantes coronais são apontadas como favorecedoras do alçamento tanto de /e/, quanto de /o/; consoantes dorsais favorecem o alçamento de /e/, enquanto as labiais, o de /o/.

- sílaba travada por elemento nasal, tanto para /e/, quanto para /o/, constitui o contexto silábico que mais desfavorece o alçamento;
- sílaba aberta e com ataque complexo mostra-se como a mais favorecedora da aplicação do alçamento para a vogal /e/, enquanto sílaba com coda não-nasal é a mais favorecedora do processo para /o/; e
- há comportamentos distintos entre *verbos* e *nomes* na fala culta do interior paulista em relação aos processos que acarretam o alçamento: informações morfofonológicas da classe gramatical do verbo favorecem a aplicação da *harmonização vocálica*.

Dessa forma, realizou-se, no capítulo que aqui se encerra, a descrição do processo de alçamento nas vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Este trabalho consistiu na descrição das vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista. Verificou-se que todos os casos de alçamento presentes nessas vogais podem ser explicados pela atuação do processo de harmonização vocálica e/ou de redução vocálica.

No tangente à harmonização vocálica, dentre os resultados quantitativos obtidos neste trabalho, destaca-se a influência da variável *altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, apontada, tanto para a pretônica /e/, quanto para /o/, como a mais relevante para a aplicação do alçamento. Constatou-se o favorecimento da realização do processo quando a vogal pretônica é seguida por uma vogal alta, seja ela anterior ou posterior. Dos resultados, também enfatizou-se que a tonicidade da vogal alta que atua como gatilho à aplicação da harmonização vocálica é uma característica importante, mas não determinante para a realização do processo. Já a contigüidade da vogal alta em relação à pretônica-alvo é um requisito essencial à aplicação da regra para /o/. Dessa maneira, para essa vogal, os resultados aqui apresentados corroboram a constatação de Bisol (1981) de que “[...] a contigüidade é um traço obrigatório do condicionador da regra da harmonização vocálica. E, por outro lado, [...] a tonicidade da vogal alta imediata é traço variável, embora mais atuante que a contraparte átona” (p. 65).

Da análise dos dados, constatou-se que todos os casos de alçamento em que não se verifica a harmonização (pela ausência de vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo), podem ser explicados pela ocorrência do processo de redução. Dessa forma, não há



ocorrências de alçamento de pretônica de verbo que não decorrem da influência de um segmento adjacente, no caso das consoantes, ou presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, no caso das vogais altas. Em outras palavras, o alçamento se mostra como um processo de assimilação de traços entre segmentos que sejam contíguos.

Quanto aos modos de articulação das consoantes adjacentes à pretônica-alvo, verificou-se, de forma geral, que, ao contrário do que o VARBRUL aponta, não parecem ter influência significativa na realização do alçamento de /e/ e de /o/, o que pôde ser observado pela relação entre o modo de articulação com o ponto de articulação da consoante considerada e pela presença de vocábulos cujos alçamentos podem ser explicados pela atuação de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo e/ou pela influência do ponto de articulação de uma consoante adjacente a essa pretônica.

Dessa forma, verificou-se que são os pontos de articulação das consoantes que se relacionam mais fortemente aos casos de redução vocálica. Observaram-se, sobretudo, as partilhas: (i) do traço [coronal] entre a vogal /e/ e consoante coronal; e (ii) do traço [dorsal] ou [labial] entre /o/ e, respectivamente, consoante dorsal ou labial. Essa partilha de traços entre a vogal e uma consoante adjacente a ela cria condição para a aplicação do alçamento, que ocorre, dessa forma, por meio do processo de redução vocálica.

Comparando as vogais médias pretônicas dos *verbos* às dos *nomes* na fala culta da região do interior do Estado de São Paulo, verificou-se que grande parte dos casos de alçamento nas pretônicas dos verbos decorre da harmonização vocálica, enquanto, nas vogais pretônicas dos nomes, o processo mais atuante é o da redução vocálica.

Constatou-se que informações morfofonológicas do verbo da língua portuguesa influenciam o alçamento de vogais pretônicas na variedade do interior paulista. A partir desse

fato, supõe-se que haja, possivelmente, nas vogais médias pretônicas dos verbos em outras variedades do Português Brasileiro, casos de alçamento condicionados por fatores morfofonológicos.

Deve-se, neste momento, ressaltar que a consideração de variáveis não analisadas no presente trabalho, sobretudo sociais, como, por exemplo, a escolaridade do falante, pode fornecer subsídios para um mapeamento ainda maior do processo de alçamento ocorrido em vogais pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista. De qualquer modo, espera-se que o presente trabalho possa dar contribuições para futuros trabalhos sobre vogais médias pretônicas no dialeto do interior do Estado de São Paulo e, de forma mais abrangente, para o mapeamento vocálico do PB.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. Fonologia e Fonética. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. *Introdução às Ciências da Linguagem – A palavra e a frase*. (Org.) Campinas: Pontes, 2006, p. 39-74.
- ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 2, p. 23-44, 1981.
- ALKMIM, T. M. Sociolingüística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.) *Introdução à lingüística – domínios e fronteiras*. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.
- ANDRADE, F. G. C. *Polissemia e produtividade nas construções lexicais: um estudo do prefixo re- no português contemporâneo*. 2006. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.
- BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 159-194.
- BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- \_\_\_\_\_. Neutralização das átonas. *DELTA*, v. 19, n. 2, p. 267-276, 2003.
- BORTONI, S. M. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.1, n. 1, p. 9-30, 1992.
- BRAGA, M. L.; MOLLICA, M. C. (Org.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BRESCANCINI, C. R. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Org.) *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 13-75.
- CAGLIARI, L. C. *Fonologia do português: análise pela geometria de traços*. v. 2. Campinas: Edição do autor, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 125-129.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. (Primeira edição em 1970).
- \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística descritiva*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. (Primeira edição em 1971).
- CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, 2, p. 225-252, 1985.
- \_\_\_\_\_. Place of Articulation in Consonants and Vowels: a Unified Theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, n. 5, p. 77-123, 1991.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Structure of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.) *Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995, p. 245-306.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 91-119.
- \_\_\_\_\_. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2006.
- COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Estudos de Fonologia e de Morfologia*. Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 73-82, 2004.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 14-90.
- FREITAS, S. N. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.
- GONÇALVES, S. C. L. G. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Projeto de pesquisa apresentado à FAPESP. 2003. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/projeto>.
- \_\_\_\_\_. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório científico final apresentado à FAPESP. 2007. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/relatoriofinal>.
- \_\_\_\_\_. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.
- HARRIS, J. W. Evidence from Portuguese for the ‘Elsewhere Condition’. *Linguistic Inquiry*, v. 5, n. 1, p. 61-80, 1974.
- \_\_\_\_\_. How Different is Verb Stress in Spanish? *Probus* 1.3. p. 241-258, 1989.
- HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 11-79.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. 11<sup>th</sup> printing. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991. (Primeira edição em 1972).
- LEE, S-H. Fonologia Lexical do português. *Caderno Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 23, p.103-120, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. 1995. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

- \_\_\_\_\_. Fonologia Lexical - Modelos e Princípios. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 129-138, 1996.
- \_\_\_\_\_. Variação lingüística e representação subjacente. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 33, p. 1311-1316, 2004.
- \_\_\_\_\_. Sobre as vogais pretônicas no Português Brasileiro. *Estudos Lingüísticos*, Araraquara, v. 1, n. 35, p. 166-175, 2006.
- \_\_\_\_\_. Teoria da Otimalidade e mudança lingüística – evolução do acento do português. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 45-61, 2006.
- LEE, S-H.; OLIVEIRA, M. A. Variação inter- e intra-Dialetal no Português Brasileiro: Um problema para a teoria fonológica. In: COLLISCHONN, G.; OLIVEIRA, D. H. (Org.) *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2003. p. 67-91.
- \_\_\_\_\_. Teoria Fonológica e Variação Lingüística. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 3, p. 41-67, 2006.
- MATEUS, M. H. M. Redundâncias lexicais e subespecificação: o sistema do português. In: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa, 1997.
- \_\_\_\_\_. Ainda a subespecificação na fonologia do português. In: *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa, 1998.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, M. L.; MOLLICA, M. C. (Org.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.
- OLIVEIRA, M. A. *Phonological Variation and Change in Brazilian Portuguese: the Case of the Liquids*. 1983. 270 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Graduate Faculties, University of Pennsylvania, 1983.
- QUICOLI, A. C. Harmony, Lowering and Nasalization in Brazilian Portuguese. *Lingua* 80, p. 295-331, 1990.
- SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Org.) *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 161-182.
- SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.
- SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.
- TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. 1987. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

- \_\_\_\_\_. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- VIGÁRIO, M. *The Prosodic Word in European Portuguese*. 2001. 397 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.
- WETZELS, W. L. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 21, p. 25-58, 1991.
- \_\_\_\_\_. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 23, p. 19-55, 1992.
- \_\_\_\_\_. Mid-vowel Alternations in the Brazilian Portuguese Verb. *Phonology* 12. 1995.
- YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

## ANEXO 1

Amostra	<b>AC-148</b>	
Tipo de textos coletados	Transcrição	Arquivos de som
	Narrativa de Experiência (NE)	AC-148-NE.wav
	Narrativa Recontada (NR)	AC-148-NR.wav
	Descrição de Local (DE)	AC-148-DE.wav
	Relato de Procedimento (RP)	AC-148-RP.wav
	Relato de Opinião (RO)	AC-148-RO.wav
Dados do Informante	<b>Gênero: Feminino</b> <b>Faixa etária: mais de 55 anos (55 anos)</b> <b>Escolaridade: Ensino Superior</b> <b>Renda familiar: De 6 a 10 SM</b> <b>Cidade de Origem: SJRP</b>	
Data da entrevista	03/12/2004	
Duração (em minutos)	18 minutos e 26 segundos	
Documentador	Juliana Pupo	
Transcritor	Juliana Pupo	
Revisor	Marília Costa Reis e Cristiane Pellinzzon	
Validação Final	Fernanda Maria Candido	

### NE

Doc.: eu gostaria que você me contasse uma experiência que tenha acontecido com você  
 Inf.: é já passei por muitas experiências né?... e na verdade algumas marcam mais do que o(u)tras... éh:: passei por experiências... boas por experiências ruins... mas que eu também não **considero** ruins porque... graças a Deus eu **consigo** fazê(r) com que tudo que **aconteça** na minha vida sirva de:: lição pras próximas e:: pras próximas aventuras que eu vá vivê(r)... e:: porque eu sô(u) uma pessoa muito ativa... sempre:: éh:: em tudo que eu vô(u) fazê(r) eu faço ou muito rápido... apesar de **tentá(r)** sempre fazê(r)... da forma melhor possível... e::e sempre/ tô sempre **pensando** também muito rápido pra **tentá(r)** fazê(r) as coisas então num paro um minuto nunca né?... tô sempre **inventando** coisas pra fazê(r) tô sempre::... vendo mais coisas do que eu **deveria** tá vendo... e umas da experiências assim... que foram... uma/ uma experiência que me foi muito comovente... mas ao mesmo tempo foi muito engraçada foi quando nasceu meu filho... éh:: eu tava com toda aquela emoção né? de::/ de tê(r) o filho não tinha feito ultra-som porque... na época o ultra-som tava **começan(d)o** ainda havia... alguma dúvida a respeito do ultra-som se a gente **deveria** fazê(r) se **teria** alguma... algum peri::go ou não pra criança pra mãe tal acabei num fazendo... então não sabia se ia sê(r) menino se ia sê(r) menina então toda essa ansieDAde né? aguardando o momento tal... e tudo com calma mas ao mesmo tempo ansiosa... e:: a minha ansiedade era tão grande... que:: eu **cheguei** no hospital tal e me deram anestesia geral porque eu num **conseguia** ficá(r) quieta de jeito nenhum eu num me parava de me **mexê(r)** mesmo já com a anestesia com a raqui... aí:: eu sei lá se me deram um calmante num sei... eu num **conseguia** ficá(r) quieta... e:: eu **queria** saí(r) logo eu **queria** (a)cabá(r) logo com aquilo... e:: aí me deram uma anestesia geral... e:: eu sei que eu me lembro bem assim do médico **chegando**... e ele **chegô(u)** com:: com a ro(u)pa toda azul desbotada MUIto feia muito estragada que... da o(u)tra vez eu tinha... /eu tinha visto de branco assim po(u)cas horas antes... falei que ele tava **parecen(d)o** um lixe(i)ro **comecei** a falá(r) um monte de coisa que aquilo **parecia** um::... um lugar de lixo de gente feia que num sei que num **queria** que meu filho tivesse aquele trauma quando... nascesse de vê(r) tanta gente horrível daquele jeito... e já **dormi** em seguida... e no meio da cirurgia eu **acordei**...

mesmo com a anestesia e::... eu só vi todo mundo **corren(d)o** muito assim e o médico – “corre corre corre”– eu só vi um chumaço enorme no meu rosto... **jogaram**... um monte de éter no meu nariz e aí eu **empacotei acordei** doze horas depois... e foi muito gozado porque eles falaram que aquilo nunca tinha **acontecido** que onde já se viu **acordá(r)** no meio da cirurgia eles nem tinham tirado o nenê ainda?... e:: eu tava **acordando** já anestesia já tinha acabado o efeito minha ansiedade era tão grande que foi po(u)ca a anestesia... e por causa desse éter... eu:: num **conseguia** abrí(r) o olho quando eu **acordei**... então eu **comecei** a ficá(r) desesperada porque o olho ardia muito... como fogo mesmo queimava e eu não **conseguia** abrí(r) o olho eu não **conseguia enxergá(r)** nada... e eu **comecei** a gritá(r)... aí tinha uma senhora amiga da minha mãe que tava al/ ali me visitan(d)o na hora e eu **acordei** tava no quarto... e ela falô(u) assim –“ah senhora corre”– falô(u) pa minha mãe –“corre corre porque tem muita mulher que quando tem filho fica cega”– aí eu **sentei** na cama e eu **queria** saí(r) **corren(d)o** c’o olho fechado mesmo eu fiz um::... angu no hospital e o W. nasceu... foi assim que o W. nasceu nessa confusão toda que eu fiz e:: ele foi o prime(i)ro nenê que nasceu no hospital Nossa Senhora da Paz que infelizmente hoje tá fechado... mas ficô(u) na história porque::... eu **consegui conturbá(r)** tudo e o W.... calmo só **dormia** um:: panacão e tava tudo bem:: e eu [Doc.: e viu que era um menino]... eu **aprontei** muito nesse dia foi depois a gente riu muito disso porque eu dei trabalho pra mu::ita gente... então quando **cheguei** num parei e assim foi até eu saí(r) do hospital (AC-148; NE: L. 4-52)



## ANEXO 2

São apresentadas, a seguir, as formas verbais que apresentam vogais médias pretônicas encontradas no *corpus* utilizado nesta pesquisa, separadas de acordo com a realização do alicamento: (i) se foi *bloqueado*; (ii) *categórico*; ou (iii) *variável*. Esses itens lexicais apresentam-se organizados alfabeticamente<sup>47</sup> e seguidos do número de ocorrência de cada item.

### Alcamento bloqueado

Abordando	01	Acordou	01	Apertando	02
Acelerei	01	Acreditarmos	01	Apertou	02
Acender	01	Acreditava	04	Apetece	01
Acendesse	01	Acreditavam	01	Aposenta	02
Acendia	02	Acrescenta	03	Aposentar	01
Acertar	01	Acrescentando	02	Aposentasse	01
Acompanha	01	Aderiu	01	Apossado	02
Acompanhado	02	Adorar	01	Apossando	01
Acompanham	01	Adoraram	02	Aprendendo	05
Acompanhando	02	Adorava	05	Aprender	17
Acompanhar	01	Adorou	01	Aprenderam	01
Acompanhava	01	Agüentando	01	Aprende	02
Acompanhavam	01	Agüentar	02	Aprende	02
Acompanho	02	Agüentava	01	Aprendido	01
Acompanhou	01	Agüentei	01	Apresenta	01
Aconteça	01	Agüentou	01	Apresentam	01
Acontecem	02	Alegava	02	Apresentando	01
Acontecendo	14	Alfabetizar	03	Apresentar	06
Acontecer	08	Alfabetizaram	02	Apresentei	01
Aconteceram	02	Alterando	01	Aprofundar	01
Acontecesse	02	Amadurecendo	01	Aprontava	01
Aconteceu	46	Anestésiar	01	Aprontei	01
Acontecia	01	Anexar	01	Aproveitam	02
Acontecido	13	Aparecer	01	Aproveitar	04
Acordá-lo	02	Apareceu	05	Aproveitava	01
Acordando	01	Aparecia	04	Aproveitou	01
Acordar	02	Aparentando	01	Aprovou	03
Acordava	02	Apeguei	02	Aproximando	01
Acordei	06	Aperfeiçoou	01	Aproximar	01

<sup>47</sup> Embora, na análise, as vogais pretônicas /e/ e /o/ tenham sido consideradas separadamente, opta-se, aqui, por apresentar essas vogais conjuntamente, evitando que formas verbais como “acontecendo” e “começado” sejam apresentadas mais de uma vez, permitindo, assim, uma melhor organização e visualização dos dados encontrados.

Arrebentasse	01	Chorado	01	Comparo	01
Arrebentou	03	Chorando	10	Competir	01
Arrepende	01	Chorar	03	Completado	01
Arrepiou	02	Chorava	06	Completamos	01
Associa	01	Chorou	07	Completando	01
Atender	01	Chovesse	01	Completar	02
Atendeu	03	Chovia	01	Completo	01
Atendia	05	Cobrando	01	Comporta	01
Aterrorar	03	Cobrar	02	Comportam	01
Atravessar	07	Cobrei	01	Comprado	03
Atravessava	02	Colabore	01	Compramos	01
Aumentarem	01	Colaborou	01	Comprar	20
Aumentou	01	Colar	01	Comprava	03
Automatizando	01	Coloca	44	Compravam	02
Automatizou	04	Colocado	01	Compreende	02
Autoriza	01	Colocam	01	Compreender	03
Autorizaram	01	Colocamos	01	Compreendia	02
Autorizei	01	Colocando	07	Comprei	03
Autorizou	01	Colocar	41	Comprou	06
Averigua	01	Colocaram	01	Comunica	01
Beber	01	Colocava	05	Comunicar	02
Bebia	04	Coloco	46	Concebe	01
Bloquear	01	Colocou	11	Conceber	01
Bobeasse	01	Coloque	01	Concentrar	01
Borbulhar	01	Coloquei	04	Concluem	01
Bordado	01	Colou	01	Concluí	03
Bordando	03	Combatesse	01	Concordo	02
Bordar	01	Combina	01	Conferem	01
Bordei	01	Combinamos	01	Confia	01
Botar	02	Combinar	02	Confiava	01
Botava	01	Combinaram	01	Confio	01
Brotar	03	Começado	03	Conformar	01
Brotou	04	Começamos	03	Conformava	01
Carregando	02	Começando	07	Conformo	01
Carregar	03	Começar	21	Confunde	01
Carregava	01	Começaram	02	Confundi	01
Carreguei	01	Começasse	01	Conhecê-lo(a)(s)	04
Cercou	01	Começava	01	Conhecemos	01
Chegado	01	Comecei	37	Conhecendo	03
Chegamos	04	Começou	55	Conhecer	13
Chegando	08	Comemorar	01	Conheceram	01
Chegar	27	Comemos	02	Conhecesse	01
Chegaram	08	Comentando	02	Conheceu	04
Chegasse	02	Comentar	02	Conheciam	01
Chegássemos	01	Comentava	02	Conjugar	01
Chegava	15	Comentei	02	Conquistar	02
Chegavam	05	Comentou	02	Consegue	17
Chegou	76	Cometem	01	Conseguem	01
Cheguei	27	Comiam	01	Consegui	04
Chocando	01	Comido	01	Consequiam	09

Conseguimos	01	Contribuiu	01	Demonstrava	01
Conseguir	08	Conturbar	01	Demora	07
Conseguiram	01	Convencendo	01	Demorar	01
Conseguisse	01	Convenceram	01	Demorava	04
Conseguissem	02	Convenceu	01	Demore	01
Conseguiu	16	Convenhamos	01	Demorou	04
Conserta	03	Conversa	02	Depende	08
Consertar	01	Conversando	13	Dependendo	05
Consertaram	01	Conversar	22	Derrete	03
Consertou	01	Conversava	08	Derreter	04
Conservam	02	Conversavam	01	Derrubando	01
Considerando	02	Conversávamos	01	Derrubava	01
Considero	02	Conversei	09	Desaparecendo	01
Consigo	10	Conversou	10	Desapareceram	04
Consome	01	Convida	01	Desapareceu	01
Constituir	01	Convidei	02	Descendo	10
Constroem	01	Coordenar	02	Descer	07
Constrói	02	Correndo	11	Desceu	02
Construí	03	Correr	01	Desci	01
Construído	02	Corresponde	02	Descia	05
Construímos	01	Correspondia	01	Desconfia	01
Construindo	01	Corresse	01	Desconversa	01
Construir	04	Corria	01	Desconversando	01
Construíram	03	Corrige	02	Descrever	06
Construísem	01	Corrigir	04	Deseja	01
Construiu	01	Corrigiu	03	Desenhar	01
Consultou	01	Cortando	01	Desenhava	01
Contado	01	Cortar	05	Desenvolvendo	04
Contamine	02	Cozinham	02	Desenvolver	01
Contando	07	Crescendo	04	Desenvolviam	01
Contar	42	Crescer	06	Designado	01
Contaram	06	Crescesse	01	Desinfetar	02
Contasse	02	Cresceu	06	Desinteressou	01
Contava	20	Cumprimentá-las	02	Desmontando	01
Contavam	07	Debatem	01	Desobedece	01
Contei	04	Debatiam	01	Desocupava	01
Continuam	01	Decidir	02	Detestavam	01
Continuar	10	Decidiram	01	Devemos	02
Continuasse	01	Decidiu	01	Deveria	11
Continuava	01	Declamar	01	Devesse	01
Continue	01	Decorrer	01	Devolver	01
Continuei	02	Dedicasse	01	Diferencia	01
Continuo	03	Deduzi	01	Direcionar	01
Continuou	04	Defende	02	Dissolver	01
Contornando	01	Defender	01	Dobramos	01
Contornar	01	Defendi	01	Dobrar	05
Contou	41	Definia	01	Economizar	02
Contratam	01	Definir	01	Efetivar	01
Contratou	01	Degenera	03	Efetivava	01
Contribuindo	01	Demonstrar	02	Elaborou	01

Eleger	01	Esconder	07	Favorece	01
Emagrecer	01	Escorando	01	Fechamos	01
Emagreceu	01	Escorrer	01	Fechar	01
Emocionar	01	Escovarem	01	Fecharam	01
Emocionou	01	Escrevendo	04	Fechei	03
Empacotei	01	Escrever	19	Fechou	04
Emprestaram	01	Escreverem	01	Fermentar	01
Encerrado	01	Escreveu	01	Fervendo	05
Encomendado	01	Escreviam	04	Ferver	04
Encontrando	01	Escurecendo	01	Ferveu	01
Encontrar	07	Esfarelando	01	Fervilhando	01
Encontrei	01	Esforçar	01	Folhear	02
Encontrou	03	Esfregando	01	Formado	01
Encostado	01	Espelhar	01	Formando	04
Encostar	01	Espelharia	01	Formar	06
Encostei	01	Esperando	06	Formaram	01
Encostou	01	Esperar	06	Formei	02
Enfrentei	01	Esperaram	01	Formou	02
Engordei	01	Esperava	03	Formular	01
Enrolando	01	Esperei	01	Formulavam	01
Enrolar	02	Esperou	01	Fornece	01
Enroscar	01	Espremendo	02	Freqüentar	02
Entendendo	04	Esquecemos	01	Freqüentava	01
Entender	12	Esquecer	01	Freqüento	02
Entendesse	01	Esqueceram	01	Gelar	01
Entendeu	81	Esqueceu	01	Gerando	01
Entendi	01	Esquentar	02	Gostando	01
Entendia	04	Estabelece	01	Gostar	06
Entendido	02	Estabelecem	01	Gostaram	01
Entregando	03	Estabelecer	01	Gostaria	08
Entregar	04	Estabeleceram	01	Gostava	21
Entremeando	01	Estabelecessem	01	Gostavam	02
Entrevistar	02	Estabeleceu	01	Gostei	08
Entrevistei	01	Estendesse	01	Gostou	06
Envolveram	01	Estrepar	01	Identificar	02
Envolveu	01	Evaporar	03	Ignorava	01
Envolvia	01	Evoluir	05	Impermeabilizar	01
Enxergando	01	Evoluirmos	01	Importava	01
Enxergar	04	Experimentar	02	Impressionou	01
Enxertar	03	Experimentei	01	Incentivam	01
Enxertava	04	Experimento	01	Incentivando	01
Eregindo	01	Explorado	01	Incentivar	01
Esclarecer	01	Explorando	02	Incomoda	01
Escolhendo	01	Exportava	01	Incorporo	01
Escolher	04	Exportavam	01	Informar	01
Escolheram	01	Expressar	03	Informaram	02
Escolheu	04	Extrapolar	01	Injetar	01
Escolhi	01	Falecendo	01	Injetava	01
Escolhiam	01	Faleceram	01	Inscrevia	01
Escondendo	01	Faleceu	03	Inserir	01

Interessar	01	Menciona	01	Obedeceu	01
Interessassem	01	Mencionavam	01	Observando	01
Interessava	01	Merece	01	Observar	03
Interessavam	01	Merecia	01	Ocorreram	01
Interesso	01	Mereciam	01	Ocorreu	01
Interferir	01	Mereço	01	Ocorrido	01
Interferiu	01	Mesclar	01	Oferecer	01
Interrompendo	01	Mexendo	09	Ofereceu	01
Introduzi	01	Mexer	11	Operar	04
Inventando	02	Mexíamos	01	Operou	02
Inventar	01	Mobiliou	01	Paquerando	01
Inventaram	01	Modificando	01	Paquerar	03
Invertendo	01	Modificar	02	Parecendo	03
Isentar	01	Molhando	01	Parecer	01
Jogado	01	Molhava	01	Pegá-lo	02
Jogando	03	Montando	03	Pegando	05
Jogar	11	Montar	02	Pegar	38
Jogaram	02	Montava	01	Pegaram	02
Jogava	05	Montou	02	Pegasse	01
Jogou	07	Moramos	01	Pegava	13
Lamentando	01	Morando	02	Pegávamos	01
Lecionar	01	Morar	11	Pegou	32
Leciono	01	Morava	21	Peguei	21
Lembrando	04	Moravam	06	Pelejando	01
Lembrar	04	Morávamos	01	Peneiro	02
Lembrava	02	Morder	04	Penetrar	01
Lembrei	02	Mordeu	02	Penetrasse	01
Lembrou	01	Morei	04	Pensando	07
Levado	01	Morou	04	Pensar	07
Levá-lo(s)	06	Morrendo	09	Pensava	03
Levamos	03	Morrer	01	Pensei	04
Levando	09	Morreram	02	Pensou	05
Levantar	07	Morreria	01	Perceba	01
Levantava	01	Morresse	02	Percebe	12
Levantei	03	Morreu	21	Percebem	01
Levanto	02	Morriam	01	Percebendo	03
Levantou	03	Mostrando	02	Perceber	08
Levar	19	Mostrar	08	Perceberam	01
Levaram	08	Mostravam	01	Percebesse	01
Levaria	01	Mostrei	02	Percebeu	14
Levasse	02	Mostrou	03	Percebi	10
Levassem	01	Motiva	01	Percebia	04
Levava	03	Motivou	01	Percebido	03
Levei	03	Namorando	04	Percebo	06
Levou	12	Namorar	15	Percorreria	01
Medicar	01	Namoraram	02	Percorria	01
Melar	01	Namorasse	01	Perder	05
Melhorando	05	Namorava	02	Perderam	01
Melhorar	07	Namorei	02	Perderia	01
Melhorava	01	Obedecer	01	Perdeu	04

Perdi	02	Preserva	03	Reconhecer	01
Perdido	01	Preservavam	01	Recordo	05
Perdoa	01	Pressionar	01	Recorrem	01
Perdoar	02	Prestado	01	Recuperar	01
Pergunta	01	Prestando	01	Reencontrando	01
Perguntado	01	Prestar	06	Reflete	01
Perguntam	03	Prestava	01	Refletir	02
Perguntando	02	Prestei	05	Refletiu	01
Perguntar	11	Prestou	02	Refoga	01
Perguntaram	02	Pretejou	01	Refogando	02
Perguntavam	01	Prevenir	01	Refogar	06
Perguntei	08	Preveniu	01	Refogo	03
Pergunto	02	Processar	01	Reforçar	01
Perguntou	10	Procuram	01	Regar	01
Permite	02	Procurar	06	Relaciona	01
Permitir	03	Procurava	02	Relaxar	01
Pertence	01	Procurou	01	Rendendo	02
Perturbando	01	Produziam	01	Repetir	01
Pescar	02	Produzir	01	Repetiu	01
Pesquisando	01	Progredir	01	Reprovado	01
Pesquisar	01	Progrediram	01	Reprovar	10
Pesquisarem	01	Projetado	01	Reprovasse	01
Pesquisavam	02	Prometeu	01	Reprovei	02
Planejar	01	Promove	01	Reprovou	01
Podemos	03	Promovia	01	Resgatando	02
Poderem	01	Prontificaram	01	Resgatar	03
Poderia	10	Prontificou	01	Resgataram	01
Poderiam	01	Proporcionar	02	Resolve	01
Polvilhando	01	Provar	02	Resolvem	01
Posar	01	Providenciar	03	Resolver	06
Posiciona	01	Provocando	01	Resolveram	02
Possuem	06	Provocar	01	Resolveu	05
Possuíam	01	Quebrado	01	Resolvi	06
Precederam	01	Quebrar	04	Resolvo	02
Predominam	01	Quebrou	05	Respeitar	03
Prefere	02	Querendo	13	Respeitasse	01
Preferir	01	Querer	05	Respeito	02
Prepara	01	Recebe	04	Respirar	01
Preparado	02	Recebemos	01	Responde	01
Preparam	01	Receber	05	Responder	05
Preparando	05	Receberam	01	Responderam	02
Preparar	07	Receberem	01	Respondeu	01
Preparasse	01	Recebeu	07	Respondia	02
Preparava	01	Recebi	06	Respondiam	01
Preparávamos	01	Recebia	03	Resumem	01
Prepare	01	Recebiam	01	Resumir	01
Preparou	02	Recebido	02	Retomavam	01
Presenciado	01	Recebo	01	Retomei	01
Presenciei	03	Recolhi	01	Retornar	01
Presenteei	01	Reconhecendo	01	Revelou	01

Revoltou	01	Telefonaram	01	Voltasse	01
Rodando	02	Telefonou	01	Voltassem	01
Rodar	01	Tempera	01	Voltava	06
Rodeando	01	Tentar	07	Voltei	05
Rodopiou	01	Tentaram	02	Voltou	25
Rolado	01	Tentava	02	Votando	01
Rolasse	01	Tentei	01	Votar	05
Rolou	01	Tentou	05	Votava	01
Rompeu	01	Teria	15	Votei	01
Secar	12	Teriam	03	Votou	01
Secava	01	Terminando	02	Xeretando	01
Secou	02	Terminar	11		
Selecionar	02	Termine	01		
Semear	01	Terminei	03		
Sentando	01	Terminou	04		
Sentar	02	Tocando	01		
Sentava	02	Tomamos	01		
Sentei	02	Tomando	08		
Sentou	04	Tomar	22		
Separa	01	Tomaram	01		
Separado	02	Tomasse	02		
Separar	02	Tomavam	01		
Separava	02	Tomei	01		
Separo	03	Tomou	02		
Será	01	Toquei	01		
Seria	19	Torcer	01		
Seriam	01	Tornou	03		
Serrar	01	Transformaria	01		
Servindo	01	Transformou	01		
Servir	03	Tricotando	01		
Serviu	02	Trocado	01		
Sobrando	01	Trocando	01		
Sobrar	03	Trocar	02		
Sobraria	01	Trombando	02		
Sobrou	01	Tropeçou	01		
Socorrer	01	Troquei	01		
Socorria	02	Valoriza	01		
Sofrer	02	Valorizam	01		
Sofreu	05	Valorizar	01		
Sofri	02	Vender	05		
Sofria	02	Vendia	05		
Sofrido	02	Ventasse	01		
Soltava	01	Verificar	01		
Sonhava	01	Vivenciando	01		
Sorteava	01	Vivenciou	01		
Sugeriu	01	Voltado	02		
Superavam	01	Voltamos	03		
Sustentar	03	Voltando	03		
Telefona	01	Voltar	22		
Telefonar	07	Voltaram	02		

**Alcamento categórico**

Acostumando	01	Desenvolvendo	04	Pediu	16
Acostumar	01	Desenvolver	01	Pendurar	02
Acostumei	01	Desenvolviam	01	Pendurava	01
Acreditei	01	Desequilibra	01	Percebesse	01
Almoçado	01	Desequilibrar	01	Percebido	03
Almoçamos	01	Desespera	01	Percorreria	01
Almoçando	01	Desestrutura	01	Podia	27
Almoçar	05	Desiste	01	Podiam	01
Apareciam	03	Desmaiei	01	Precisam	05
Cobria	01	Desmanchei	01	Precisando	02
Cobrir	02	Despeja	02	Precisariam	01
Conheço	01	Destaca	01	Precisavam	01
Consegui	04	Desviado	03	Precisei	03
Consequiam	09	Devia	11	Preciso	02
Conseguimos	01	Deviam	01	Preferir	01
Conseguir	08	Dormiam	02	Prevenir	01
Conseguiram	01	Dormimos	02	Preveniu	01
Conseguisse	01	Dormindo	06	Queriam	06
Conseguissem	02	Dormir	11	Recebiam	01
Conseguiu	16	Dormirmos	01	Refletir	02
Conversam	01	Dormiu	01	Refletiu	01
Conversávamos	01	Escondi	01	Repetir	01
Costuma	05	Espremia	01	Repetiu	01
Costumam	02	Esquecido	01	Segundo	02
Costumava	03	Interferir	01	Seguir	02
Costumo	08	Interferiu	01	Segurar	02
Cozinho	04	Mentia	01	Segurei	02
Cozinhou	01	Mexia	04	Senti	04
Descobri	03	Mexiam	01	Sentia	02
Descobrimo	03	Morri	02	Sentiam	01
Descobrir	01	Pareciam	01	Sentindo	06
Descobriram	01	Pedi	05	Sentir	05
Descobriu	02	Pedia	06	Tossindo	01
Descrever	06	Pedindo	05	Transferiu	01
Desencarnado	01	Pedir	07	Vestia	01
Desencarnou	01	Pediram	01	Vestiam	01
Desenformo	01	Pedisse	02		



**Alçamento variável**<sup>48</sup>

Acontece	25 (01)	Conheci	06 (01)	Percebia	04 (01)
Acredita	04 (02)		(01)	Poder	32 (01)
Acreditar	06 (02)	Conhecia	13 (01)	Possui	28 (01)
Acredito	13 (12)		(04)	Precisa	27 (26)
Começa	22 (01)	Conseguia	13 (01)	Precisar	05 (04)
Começado	03 (01)		(11)	Precisava	11 (10)
Começando	07 (02)	Continua	08 (01)	Precisou	06 (05)
Começar	22 (05)	Conversando	13 (01)	Prefiro	03 (01)
Comecei	37 (16)	Conversava	08 (01)	Procura	02 (01)
Começo	04 (01)	Converso	02 (01)	Procurando	04 (01)
Começou	55 (17)	Conversou	10 (02)	Queria	66 (65)
Comendo	10 (01)	Cozinha	04 (02)	Recebi	06 (05)
Comer	33 (07)	Cozinhando	04 (03)	Recebia	03 (01)
Comeu	05 (02)	Cozinhar	13 (11)	Requeria	02 (01)
Comia	03 (01)	Dormi	05 (04)	Vendi	06 (01)
Conhece	07 (02)	Dormia	18 (16)		
Conhecê-lo(a)(s)	04 (01)	Escolhia	03 (01)		
Conhecendo	03 (01)	Esqueci	06 (05)		
Conhecer	13 (02)	Parecia	07 (03)		
Conheceu	04 (02)	Percebi	10 (06)		

---

<sup>48</sup> Entre parênteses, são apresentados os números de ocorrências de alçamento.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura